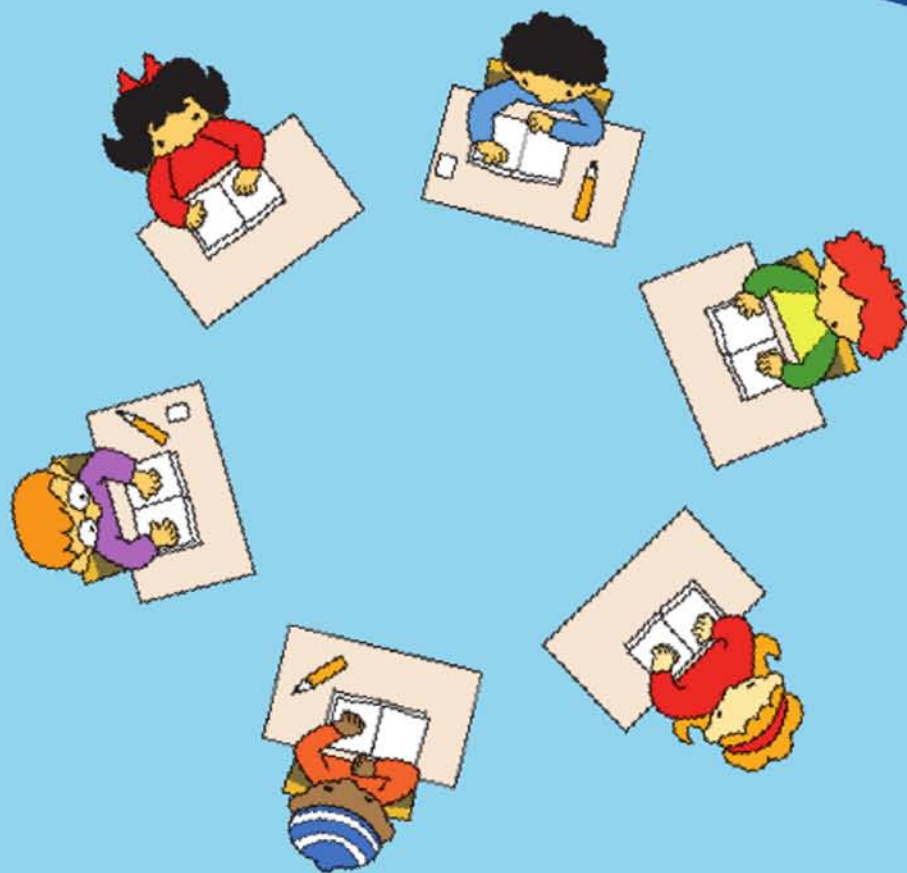


SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL



**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR DO CURSO DE FORMAÇÃO
DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM NÍVEL MÉDIO, NA MODALIDADE NORMAL**

CURITIBA - PARANÁ



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO SUPERINTENDÊNCIA DA
EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

**PROPOSTA PEDAGÓGICA CURRICULAR DO CURSO DE FORMAÇÃO DE
DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL, EM NÍVEL MÉDIO, NA MODALIDADE NORMAL**

Curitiba, 2006

ROBERTO REQUIÃO

GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ

MAURICIO REQUIÃO DE MELLO E SILVA

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

RICARDO FERNANDES BEZERRA

DIRETOR GERAL DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

YVELISE FREITAS DE SOUZA ARCO-VERDE

SUPERINTENDENTE DE EDUCAÇÃO

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA GARCIA

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

SANDRA REGINA DE OLIVEIRA GARCIA

CHEFE DO DEPARTAMENTO

FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO

MARIA APARECIDA DE SOUZA BREMER

ASSISTENTES PEDAGÓGICAS DO DEP. DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

ANA NELLY DE CASTRO GREGÓRIO ANTOLIANA PESTANA TANTOS

ANDRÉA CECCATTO ANDERSEN BERNADETE DAL MOLIN SCHENATTO

CANDIDA DE CARVALHO JUNQUEIRA CÉULI MARIANO JORGE CRISTIANE

PRENDIN EDIRLEI CRISTINA COLLEONE EUGÊNIO ALBERTO BELUSKI

LÍGIA ISABEL KURY POLONI LELIANE DE CASTRO BITTENCOURT NEUSA

REGINA DOS SANTOS VERA NICE FERREIRA PACA

EQUIPE TÉCNICO-PEDAGÓGICA

ANA MARIA AMARAL LIMA MARIA DE FÁTIMA TARGINO CRUZ ELYANE

FIUZA SANCHES

COORDENAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO
INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS, NA MODALIDADE NORMAL, EM NÍVEL MÉDIO

CÍCERA ROSANGELA BATISTA DE ARAUJO FERREIRA LORENE RODRIGUES

DA LUZ MARIA INÊS DE FRANÇA PEREIRA ROSÂNGELA MARIA DE SOUZA

FERREIRA TATIANA PAULO FARIAS

SETOR TÉCNICO / ADMINISTRATIVO

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA PRIMEIRA VERSÃO DAS DIRETRIZES - 2003:
**FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO – DEP/SEED MARIA DE FÁTIMA
TARGINO CRUZ – DEP/SEED ASTECLINIO DA S. R. JUNIOR – DEM/SEED
DENISE E. BAGANHA – DEM/SEED ANA LÚCIA M. DE SOUZA – DEF/SEED
MARIA LUIZA SEGA – DEE/SEED WILMA R. DIAS NOGUEIRA -C.E. Cristóvão
Colombo - Jardim Alegre MARY LANE HUTNER -C.E. Paulo Leminski - Curitiba MARA
P. PESSOA -C.E. Cristo Rei - Cornélio Procópio CÉLIA L. DA VEIGA -C.E. Princesa
Izabel - Três Barras NEIDE CLEMENTE – Instituto Estadual de Educação de Maringá
ANDRÉIA M. D. FRUMENTO -Instituto Caetano M. da Rocha - Paranaguá MARIA DO
CARMO FREITAS -C.E. Anchieta - Cruzeiro do Oeste JOSÉ VIEIRA – NRE/SEED
-Assis Chateaubriand LUCIANA HERVATINI -C.E. Barão do Rio Branco - Foz do
Iguaçu JANAINA A. DE MATTOS ALMEIDA -C.E. Barão do Rio Branco - Foz do
Iguaçu**

O nosso agradecimento à Comissão que elaborou o documento inicial da proposta pedagógica curricular 2003: professores da rede pública estadual, Núcleos Regionais de Educação, DEP/SEED e profissionais dos outros departamentos convidados: DEM, DEF, DEJA e DEE, e docentes das Instituições de Ensino Superior.

A todos os professores da rede pública estadual do Paraná, que defenderam a permanência e o retorno/expansão dos Cursos de Formação de Docentes – Normal, em nível médio, aqui representados por esta Comissão que elaborou a primeira versão desta proposta.

DOCENTES PARTICIPANTES DAS DISCUSSÕES COM A COMISSÃO – 2003:
ANGELA GUSSO -PUC-PR **DALBERTO L. DE SANTO** – UEL/PR **ELIANE PRÉCOMA** -UFPR **FLAVELI A. DE SOUZA** – UEL/PR **FRUTUOSO D. SIMÕES** – UEPG/PR **GUARACI MARTINS** -Teatro – FAP/PR **IDA REGINA MORO MILLEO MENDONÇA** -Rede Municipal de Curitiba **ISIS MOURA TAVARES** -Creche Comunitária São José **JEAN CARLOS MORENO** -UFPR **LÍGIA REGINA KLEIN** -UFPR **MARCÍLIO H. DE MIRANDA** – UEM/PR **MARIA TEREZA S. CARNEIRO** -UFPR **MÔNICA RIBEIRO** -UFPR **NEUSA MARIA TAUSCHEK** -SEED/DEM **NILSON GARCIA** -CEFET-PR **ROSANE G. A. TORRES** -Centro Cultural Teatro Guaíra **ROSE ANA CARVALHO** -Música – FAP/PR **SHEILA MACANEIRO** -Dança – FAP/PR **SOLANGE MARANHO GOMES** -Música – FAP/PR
AGRADECIMENTO ESPECIAL PROF^a. ILEIZI FIORELLI SILVA – UEL/PR

Agradecemos a todos os professores dos colégios que ofertam o Curso de Formação de Docentes – Normal, em nível médio, por colaborarem com sugestões e aprofundamento deste documento. Nosso agradecimento especial aos professores que participaram do I Simpósio do Curso de Formação de Docentes -Normal, em nível médio, realizado de 12 a 15 de setembro de 2005, em Faxinal do Céu – município de Pinhão.

DOCENTES PARTICIPANTES DAS DISCUSSÕES DA PROPOSTA PEDAGÓGICA
CURRICULAR - 2005

ÂNGELA MARIA DE SOUZA LIMA – UEL/PR **ADJUTO EUDES FABRI** – UNICENP/PR
CARMEM SÁ BRITO SIGWALT – UFPR **CATARINA MORO** – UFPR **CLAUDIA MARA
DE ALMEIDA** – FACINTER/PR **CONSUELO A. B. SCHLICHTA** – UFPR **DALBERTO L.
DE SANTO** – UEM/PR **EDMILSON LENARDÃO** – UEL/PR **GLÓRIA KIRINUS** –
Escritora/Doutora USP **GERNOTE KIRINUS** – Esp/UFPR **GEYSO GERMINARE** –
Faculdade Bagozzi/PR **JOÃO LUIZ GASPARIN** – UEM/PR **MARIA AUXILIADORA
CAVAZOTTI** – Universidade Tuiuti do Paraná – UTP/PR **MARIA DATIVA
GONÇALVES** – UFPR **MARIA INÊS DELGADO** – Assessora DEE/SEED **MARCILIO H.
DE MIRANDA** – UEM/PR **ROBERTO FILIZOLA** – UFPR **TAÍS TAVARES** – UFPR
VERA LUCIA PETRONZELLI – UNIOESTE

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM NÍVEL MÉDIO.....	15
1.1. Breve Histórico	15
1.2. A Formação de Professores no Estado do Paraná	20
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA MODALIDADE NORMAL, EM NÍVEL MÉDIO	23
2.1. Princípios Pedagógicos.....	23
2.1.1. O Trabalho como Princípio Educativo.....	23
2.1.2. A Práxis como Princípio Curricular.....	25
2.1.3. O Direito da Criança ao Atendimento Escolar.....	26
3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	27
4. PRÁTICA DE FORMAÇÃO	29
5. MATRIZ CURRICULAR	32
6. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DA BASE NACIONAL COMUM.....	34
6.1. LÍNGUA PORTUGUESA	34
6.2. LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	35
6.3. ARTE.....	36
6.4. GEOGRAFIA	39
6.5. MATEMÁTICA.....	42
6.6. FÍSICA	43
6.7. QUÍMICA	43
6.8. BIOLOGIA	44
6.9. HISTÓRIA	45
6.10. EDUCAÇÃO FÍSICA	46

6.11. SOCIOLOGIA	47
6.12. FILOSOFIA	50

7. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA.....54

7.1. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO 54

7.2. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO.....55

7.3. FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO.....58

7.4. FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO 60

7.5. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL..... 61

7.6. TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL 65

7.7. CONCEPÇÕES NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL 71

7.8. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO.....72

7.9. LITERATURA INFANTIL..... 75

7.10. METODOLOGIA DO ENSINO DE PORTUGUÊS/ALFABETIZAÇÃO..... 76

7.11. METODOLOGIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA..... 78

7.12. METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA
..... 82

7.13. METODOLOGIA DO ENSINO DE
GEOGRAFIA..... 83

7.14. METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS
..... 87

7.15. METODOLOGIA DO ENSINO DE
ARTE.....87

7.16. METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
..... 93

7.17. PRÁTICA DE FORMAÇÃO (ESTÁGIO
SUPERVISIONADO).....94

8. AVALIAÇÃO ESCOLAR

.....96

9. REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS.....98

APRESENTAÇÃO

Este documento é resultado do trabalho, num primeiro momento, da comissão constituída por professores da rede pública estadual, representantes dos Núcleos Regionais de Educação e técnicos da Secretaria de Estado da Educação. O trabalho dessa comissão foi desencadeado a partir das decisões do “Encontro sobre formação de professores da rede estadual”, realizado em Curitiba em 19 e 20 de agosto de 2003, que teve como objetivo discutir a formação de professores em cursos de nível médio, ou seja, a pertinência do retorno à rede pública estadual da oferta desses cursos. Também teve como objetivo discutir ainda a integração da Educação Profissional com

o Ensino Médio e, portanto, a decisão do retorno e ampliação dos cursos de formação de docentes. Discutir um currículo onde as dimensões trabalho, ciência, tecnologia e cultura fossem indissociáveis na formação do futuro professor. Nesse sentido, o objetivo da primeira versão deste documento foi apresentar a Proposta de Organização Curricular do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal, da rede pública estadual, incorporando, portanto a formação de professores para a Educação Infantil e a integração da Base Nacional Comum do Ensino Médio com as disciplinas específicas da formação de professores. Ressaltamos que esta elaboração teve caráter experimental e que serviu de referencial para o programa de capacitação que ocorreu em 2004 e 2005, sendo o currículo o produto final da capacitação.

Após quatro meses de estudos e reuniões da comissão, foi possível finalizar a primeira versão da proposta, considerando o debate coletivo como a melhor forma de construção de uma Política Pública para a Formação de Professores, pois:

“Especificar um currículo implica tomar decisões sobre o que significa educar, sobre quais conhecimentos são importantes e merecem estar representados, sobre quais valores e tradições culturais devem ser incluídos e quais devem ser excluídos, sobre quais formas de conhecer e aprender devem ser privilegiadas. (...) Numa sociedade dividida por classe, gênero, raça, entre outras dimensões, o campo do currículo é claramente um campo de contestação, de conflito e de discordância” (Silva, 1996: 129).

Em 2004, além dos 14 colégios que permaneceram com o curso de Formação de Docentes, a SEED/DEP autorizou o funcionamento de mais 31 novos cursos, que tiveram como proposta esta primeira versão. Em 2005, mais 41 instituições da rede estadual foram autorizadas, totalizando 86 Cursos de Formação de Docentes da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em 2006, mais 27 Colégios foram autorizados a implantar o Curso de Formação de Docentes – Normal, totalizando hoje 113 colégios que ofertam o curso na rede pública do Estado.

Com base nesta proposta, nosso compromisso é o de continuar estimulando a discussão de propostas pedagógicas que visem à melhoria da formação de professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, e, sobretudo, recuperar esse espaço de formação inicial de professores da Educação Infantil e anos iniciais ainda em nível médio, haja vista que, segundo os dados do INEP, a formação em nível médio ainda se faz necessária, uma vez que a “estimativa de professores para 2006 exigirá a criação de, pelo menos, mais 107 mil funções docentes. No caso da Educação Infantil, a meta de matrículas exigirá um crescimento de 32 mil funções docentes diante da situação de 2002” (INEP: 2003,13).

Salientamos, no entanto, que a Secretaria de Estado da Educação entende que, ao abrir a possibilidade da formação dos professores para a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental em nível médio, de forma integrada, sem prescindir dos conhecimentos das disciplinas da Base Nacional Comum e das especificidades dos conhecimentos necessários para a formação dos professores, estará contribuindo para a continuidade da sua formação em nível superior. No entanto, ao mesmo tempo em que abre a oportunidade do curso em nível médio, busca, junto à Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia, a expansão dos Cursos de Formação de Professores em nível superior.

Os colégios abaixo relacionados são os que não fizeram a adesão ao PROEM e continuaram a oferta independentemente da política de cessação deste curso.

1. **Colégio Estadual Princesa Isabel - Três Barras do Paraná**
 2. **Instituto Estadual de Educação de Maringá - Maringá**
 3. **Colégio Estadual Monteiro Lobato - Floresta**
 4. **Colégio Estadual Anchieta - Cruzeiro do Oeste**
 5. **Colégio Estadual Vicente Tomazini -Francisco Alves**
 6. **Colégio Estadual José Sarmiento - Iretama**
 7. **Colégio Estadual Barbosa Ferraz - Ivaiporã**
 8. **Colégio Estadual Cristo Rei - Cornélio Procópio**
 9. **Colégio Estadual Cristóvão Colombo - Jardim Alegre**
-
1. **Colégio Estadual Barão do Rio Branco - Foz do Iguaçu**
 2. **Colégio Estadual Paulo Leminski - Curitiba**
 3. **Colégio Estadual Geremia Lunardelli - Lunardelli**
 4. **Colégio Estadual Deputado Arnaldo Busato - Pinhais**
 5. **Instituto Estadual de Educação Dr. Caetano Munhoz da Rocha - Paranaguá**

Ficaram funcionando, portanto, a partir de 2004, além dos 14 (quatorze) colégios acima citados, mais 31 (trinta e um) novos colégios, conforme a lista abaixo:

**1. Instituto Estadual de Educação Professor Erasmo Pilotto
– Curitiba**

1. Colégio Estadual Leonardo da Vinci - Dois Vizinhos
 2. Colégio Estadual Mário de Andrade - Francisco Beltrão
 3. Colégio Estadual Nilo Cairo - Apucarana
 4. Colégio Estadual Barão de Antonina - Rio Negro
 5. Colégio Estadual Abrahan Lincoln - Colombo
 6. Colégio Estadual Chateaubriandense - Assis Chateaubriand
 7. Colégio Estadual Des. Antonio Franco F. Costa - Guaraniaçu
 8. Colégio Estadual Cianorte - Cianorte

 10. Colégio Estadual Duque de Caxias - Goioerê
 11. Colégio Estadual Prof. Mário Evaldo Morski - Pinhão
 12. Colégio Estadual São Vicente de Paulo - Irati
 13. Colégio Estadual Rio Branco - Santo Antônio da Platina
 14. Colégio Estadual Ricardo Lunardelli - Porecatu
 15. Instituto Estadual de Educação de Londrina - Londrina
 16. Colégio Estadual Humberto de Campos - Querência do Norte
 17. Colégio Estadual de Paranavaí - Paranavaí
 18. Colégio Estadual Arnaldo Busato - Coronel Vivida
 19. Colégio Estadual Dom Carlos – Palmas
 20. Colégio Estadual Carlos Drummond de Andrade -Nova Tebas
 21. Colégio Estadual Dr. João Ferreira Neves - Palmital
 22. Instituto Estadual de Educação Prof. César Prieto Martinez
- Ponta Grossa
23. Colégio Estadual Manoel Antônio Gomes - Reserva
 24. Colégio Estadual Wolff Klabin - Telêmaco Borba
 25. Colégio Estadual Castelo Branco - Toledo
 26. Colégio Estadual Túlio de França - União da Vitória
 27. Colégio Estadual Rodrigues Alves - Jaguariaíva
 28. Colégio Estadual Gildo Aloísio Schuck - Laranjeiras do Sul
 29. Colégio Estadual Padre Sigismundo - Quedas do Iguaçu
 30. Colégio Estadual Aldo Dallago - Ibaiti
 31. Colégio Estadual Prof. Segismundo Antunes Neto - Siqueira Campos

Em 2005, a Educação Profissional promoveu significativa expansão, deste modo, foram autorizados a ofertar o Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na modalidade Normal, em nível médio, mais 41 (quarenta e um) colégios, a saber:

1. **Colégio Estadual Emílio de Menezes - Arapongas**
 2. **Colégio Estadual Érico Veríssimo - Faxinal**
 3. **Colégio Estadual Gilberto Nascimento - Piraquara**
 4. **Colégio Estadual Jorge Andriguetto - Fazenda Rio Grande**
 5. **Colégio Estadual Costa Viana - São José dos Pinhais**
 6. **Colégio Estadual Campina da Lagoa - Campo Mourão**
 7. **Colégio Estadual Amâncio Moro - Corbélia**
 8. **Colégio Estadual Santos Dumont - São Tomé**
 9. **Colégio Estadual Cyríaco Russo - Bandeirantes**
-
1. **Colégio Estadual Cecília Meireles - Sertaneja**
 2. **Colégio Estadual Benedito João Cordeiro - Curitiba**
 3. **Colégio Estadual Irmã Margarida - Salto do Lontra**
 4. **Colégio Estadual Eduardo Michellis - Missal**
 5. **Colégio Estadual João Mondrone - Medianeira**
 6. **Colégio Estadual Rocha Pombo - Capanema**
 7. **Colégio Estadual Vicente Leporace - Boa Esperança**
 8. **Colégio Estadual Dario Veloso - Malet**
 9. **Colégio Estadual Reni C. Gamper - Manoel Ribas**
 10. **Colégio Estadual Durval Filho - Andirá**
 11. **Colégio Estadual Sílvio Tavares - Cambará**
 12. **Colégio Estadual Hermínia Lupion - Ribeirão do Pinhal**
 13. **Colégio Estadual Olavo Bilac - Cambé**
 14. **Colégio Estadual Nilson Ribas - Jaguapitã**
 15. **Colégio Estadual Vera Cruz - Mandaguari**
 16. **Colégio Estadual Monteiro Lobato - Colorado**
 17. **Colégio Estadual Pedro Viriato P. de Souza - Marialva**
 18. **Colégio Estadual Guilherme de Almeida - Querência do Norte**
 19. **Colégio Estadual Ary J. Dresch - Nova Londrina**
 20. **Colégio Estadual Gratulino de Freitas - Guaratuba**
 21. **Colégio Estadual Hélio Antonio de Souza - Pontal do Paraná**
 22. **Colégio Estadual Antonio Tortato - Paranacity**
 23. **Colégio Estadual Pato Branco - Pato Branco**
 24. **Colégio Estadual José de Anchieta - Santa Maria d'Oeste**
 25. **Colégio Estadual Alberto Gonçalves - Palmeira**
 26. **Colégio Estadual Altair Mongruel - Ortigueira**
 27. **Colégio Estadual Presidente Roosevelt - Guaíra**
 28. **Colégio Estadual Bento Mossurunga - Umuarama**
 29. **Colégio Estadual São Mateus do Sul - São Mateus do Sul**
 30. **Colégio Estadual Sebastião Paraná - Wenceslau Braz**
 31. **Colégio Estadual Iraci Salete - Rio Bonito do Iguaçu**
 32. **Colégio Estadual Leonardo F. Nogueira - Pinhalão**

Em virtude da demanda reprimida e da grande procura por cursos profissionalizantes, sobretudo do Curso de Formação de Docentes – Normal, em nível médio, em 2006, o Departamento de Educação Profissional autorizou o funcionamento de mais 27 colégios:

1. **Colégio Estadual Pe. Ângelo Casagrande - Marilândia do Sul**
2. **Colégio Estadual Edimar Wrigth - Almirante Tamandaré**
3. **Colégio Estadual Sagrada Família - Campo Largo**
4. **Colégio Estadual João de Oliveira Gomes - Campo Mourão**
5. **Colégio Estadual Wilson Jofre - Cascavel**
6. **Colégio Estadual Santana de Tapejara - Tapejara**
7. **Colégio Estadual José Ferreira de Melo - São Jerônimo da Serra**
8. **Colégio Estadual Pe. José de Anchieta - São Jorge d'Oeste**
9. **Colégio Estadual Dom Manoel Konner - Santa Terezinha de Itaipu**

1. **Colégio Estadual Guilherme de Almeida - Santa Isabel d'Oeste**
2. **Colégio Estadual Carlos Gomes - Ubiratã**
3. **Colégio Estadual Visconde de Guarapuava - Guarapuava**
4. **Colégio Estadual Prof. Júlio César - Rebouças**
5. **Colégio Estadual Arthur de Azevedo - São João do Ivaí**
6. **Colégio Estadual Ribeirão Claro - Ribeirão Claro**
7. **Colégio Estadual Jayme Canet - Bela Vista do Paraíso**
8. **Colégio Estadual Castelo Branco - Primeiro de Maio**
9. **Colégio Estadual James Patrick Clark - Terra Rica**
10. **Colégio Estadual José Armim Matte - Chopinzinho**
11. **Colégio Estadual Dom Pedro I - Pitanga**
12. **Colégio Estadual Vespasiano C. Mello - Castro**
13. **Colégio Estadual Sapopema - Sapopema**
14. **Colégio Estadual Humberto de A. Castelo Branco - Santa Helena**
15. **Colégio Estadual Nestor Victor - Pérola**
16. **Colégio Estadual Santa Bárbara - Bituruna**
17. **Colégio Estadual Rui Barbosa - Arapoti**
18. **Colégio Estadual Paiçandu - Paiçandu**

Este documento deve ser considerado como um esforço da Secretaria de Estado da Educação para discussão, junto ao coletivo dos professores, sobre a política de formação de professores na rede pública estadual e, por ser um material permanente de discussão e reelaboração, deve ser um documento em construção.

Bom trabalho aos professores comprometidos com a construção de uma escola de qualidade para todos. Sandra Regina de Oliveira Garcia

Chefe do Departamento de Educação Profissional

1. FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM NÍVEL MÉDIO

1.1. Breve histórico

A história da formação de professores no Brasil demonstra que os cursos profissionalizantes — habilitação Magistério — tiveram um papel fundamental na formação de recursos humanos habilitados para atuação nas séries iniciais do primeiro grau, atual Ensino Fundamental. Foram os cursos denominados “Normal” até os anos 60; de “Magistério”, a partir dos anos 70; e de “Normal”, novamente, após 1996, que possibilitaram a passagem do ensino realizado por leigos para o ensino assumido por profissionais qualificados para o exercício desta importante função (Pimenta, 1997).

No Paraná, a história não foi diferente. Até que fossem disseminados os cursos de Pedagogia em nível superior, os cursos de Magistério eram o principal espaço de formação de professores qualificados para a educação inicial de crianças, apesar dos fatores limitantes de uma formação em nível médio. Reconhecidamente o ideal sempre foi a preparação desses profissionais em nível superior, questão já apontada nas Diretrizes Curriculares elaboradas no início dos anos 90. Os cursos de Magistério contribuíram para melhoria dos procedimentos pedagógicos nas escolas e imprimiram um caráter científico e profissional a uma ocupação considerada simples e desqualificada, conforme a característica assumida de ser realizada por mulheres e em caráter complementar às suas atividades familiares. Pouco a pouco, a atividade de ensinar crianças foi sendo percebida como uma atividade complexa, que necessitava de profissionais capazes de dominar as teorias pedagógicas e metodológicas, além dos conhecimentos científicos de cada disciplina curricular da pré-escola até a 4^a série (Vieira, 1997).

Os cursos de Pedagogia em nível superior, disseminados no Brasil na década de 70, formaram profissionais que também atuavam nos cursos de Magistério. Tais professores levaram para esses cursos as discussões e as pesquisas empreendidas nas faculdades e universidades, enriquecendo ainda mais a formação das professoras primárias (Pimenta, 1997).

As sucessivas reformas educacionais empreendidas após 1930 alteraram por diversas vezes a terminologia e as divisões entre níveis e modalidades de ensino. Contudo, no que se refere à formação de professores para as primeiras séries do atual Ensino Fundamental, o curso Normal continuava como uma modalidade profissionalizante e de nível médio, sem separação entre a formação pretendida e a terminalidade de estudos, ou seja, concluía-se simultaneamente o Segundo Grau e também o curso Normal, que habilitava para o exercício do magistério no Ensino de Primeiro Grau.

As alterações na Educação ocorridas a partir de 1968 — iniciadas pela reforma universitária, seguida pela reforma do Segundo Grau, com a Lei 5.692/71 — não modificaram o estatuto dessa modalidade, ao contrário, o caráter compulsório de profissionalização no Segundo Grau não contrariava o formato do antigo Curso Normal, que apenas mudou de nome para curso de Magistério. Obviamente, este curso foi afetado em seu conteúdo, que também foi remodelado no sentido de um tecnicismo

aplicado à educação, o que empobreceu grandemente o caráter mais humanista presente nos currículos dos antigos cursos Normais. Este curso passou a integrar e ser considerado como “mais uma” habilitação retirando-o, com essa medida legal, do histórico “status”, aspecto amplamente criticado em conhecidas avaliações por auto-res dessa área, a exemplo de Mirian Jorge Warde.

No período denominado de transição democrática (1985-1989), renascem as esperanças por novos tempos, que deveriam ser mais democráticos no sentido da consolidação de um processo que nos levasse à igualdade social, traduzida em direitos sociais ampliados e exercício, de fato, de uma cidadania social (não meramente civil e política). Isso demandou da classe trabalhadora, na maioria de seus estratos diferenciados, um esforço de organização em sindicatos, movimentos populares urbanos, movimentos populares rurais, partidos políticos e uma variedade de movimentos sociais de novo tipo, ligados a demandas historicamente reprimidas, tais como: de etnias (negros e índios), dos homossexuais, das pessoas com necessidades especiais, ecológicas, da educação, dos estudantes, entre outras. Tais esforços refletiram-se muito na elaboração da Constituição Federal de 1988, nas eleições estaduais e municipais marcadas por vitória dos partidos de oposição ao regime militar, notadamente pelo PMDB, no renascimento de práticas coletivas demonstradas nos movimentos de massa, na organização de diversos fóruns de debate sobre a educação pública brasileira. Processou-se uma infinidade de iniciativas de reformas educacionais municipais e estaduais, que procuraram romper com a estrutura e a cultura disseminadas durante os vinte anos de ditadura militar.

No Paraná, a partir de 1983, iniciam-se inúmeros processos de reformulação curricular de todos os níveis de ensino, que são concluídas entre 1989 e 1990 e implantadas entre 1990 e 1991. Entretanto, já em 1995, após quatro ou cinco anos de experiências mais efetivas sob novas orientações, começamos, em razão do próprio contexto político, social e econômico, um novo ciclo de reformas definidas pelas políticas do MEC, as quais foram implantadas de forma “pioneira” aqui no Paraná, com orientações completamente adversas às políticas educacionais assumidas durante os anos 80. Nem bem conseguimos iniciar o processo de retomada dos direitos sociais da nação brasileira a serem garantidos pelo setor público, através do fortalecimento das instituições estatais e dos serviços públicos, e já ingressamos nos “tempos modernos da *cidadania do consumidor*”, baseada tão somente nos princípios dos *direitos civis*, em que ser proprietário é a maior garantia de acesso aos bens materiais e simbólicos. A educação então, como bem material e simbólico, também entra neste rol de ser considerada como mercadoria e, obviamente, não é mais ofertada como direito social, mas sim como bem a ser comprado ou doado, com caráter filantrópico, para quem não puder pagar.

No que se refere à Educação Profissional em geral pode-se afirmar que da obrigatoriedade de profissionalização dos tempos dos militares (1964-1984) passamos à obrigatoriedade da terminalidade do Segundo Grau, como condição para realização de cursos profissionalizantes, nos tempos do governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), retratada na Lei 9394/96 e, principalmente, no Decreto 2208/96. Assim, nos últimos oito anos a reforma do antigo Ensino de Segundo Grau, agora denominado novamente de Ensino Médio, implanta-se com uma concepção de educação,

cuja marca é a fragmentação calcada num generalismo vazio, sem conteúdo científico, voltado para um desenvolvimento de atributos de personalidade. Passamos de um tecnicismo, também vazio e superficial no que se refere ao ensino científico e cultural, para um generalismo derivado pelo psicologismo individualista batizado de *ensino por competências*.

Todas essas alterações na educação brasileira não estão descoladas de processos mais amplos ligados às mudanças no padrão de regulação da acumulação capitalista. A formação econômica capitalista tem demonstrado vitalidade ao longo da história dos últimos cento e setenta anos. Como Marx e Engels já renunciaram, em 1848, no Manifesto Comunista, o capital e o modo burguês de vida conseguem “levar de roldão” todas as instituições sociais, todos os espaços e regiões do mundo, com suas culturas e modos de vida, através de uma revolução constante nas técnicas e nas formas de organização social. A burguesia é revolucionária por natureza, no sentido das mudanças tecnológicas e políticas, que garantam sua reprodução como classe dominante e a forma econômica que lhe dá existência real, o capitalismo. Portanto, vivemos nos últimos quarenta anos do século XX mais uma ofensiva da burguesia no sentido de revigorar a acumulação capitalista.

Por conta disso, podemos ler em inúmeros estudos críticos produzidos nestes anos análises sobre como as mudanças no padrão de acumulação capitalista afetaram as organizações clássicas da modernidade, tais como: Estado Nacional, Trabalho Regulado, Sindicatos, Educação Escolar, Família Nuclear, Utopias, Partidos Socialistas, entre outros. Os autores¹ indicam mudanças nos padrões de controle do trabalho, com alterações nos processos de produção nas fábricas. Teríamos passado do taylorismo ao fordismo e deste ao toyotismo, o que implicou a destruição de muitos postos de emprego, a desregulamentação dos direitos dos trabalhadores, a apropriação dos fundos públicos, acumulados nos anos de fordismo e gerenciados pelo Estado, indo para as mãos dos capitalistas e dos novos gestores empresariais, entre outros. Esses processos aprofundaram as desigualdades socioeconômicas, criando uma sociedade permanentemente em crise, devido à instabilidade e às incertezas como eixos dos ciclos de vida. As gerações dos anos 80, no mundo inteiro, passaram a viver com a tão falada falta de perspectiva. Os jovens são duramente atingidos por estas novas formas de socialização. A falta de emprego, nos termos da regulamentação fordista,

¹FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e formação humana**: ajuste neoconservador e alternativa democrática. IN: GENTILLI, P e Silva, Tadeu da. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Visões Críticas. Petrópolis: Vozes, 1995. ANTUNES, Ricardo . **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

foi fundamental para que a sociedade se fragmentasse em inúmeros estratos de sobrevivência social, estilizando os espaços de vivências de solidariedade de classes. Os líderes sindicais foram instados a sócios administradores de fundos públicos e privados, transformando-se em gerentes da nova conciliação entre capital e trabalho, num mundo sem emprego.

Esse “novo” mundo lembra-nos uma frase colocada como epígrafe no Livro “Transição Prolongada” de Florestan Fernandes (1990: 203) “As aparências mudam — a realidade reproduz-se atavicamente”. As aparências da forma *capital* mudaram muito — as formas são agora mais luminosas, devido à alta sofisticação da tecnologia (revolucionada incessantemente, como previam Marx e Engels em 1848) aliada a um discurso científico das ciências humanas, colocadas a serviço da justificação das desigualdades —, potencializando a barbárie em todos os cantos do mundo. Para dar uma feição mais humana a essa “máquina mundial de fazer dinheiro”, as reformas no Estado e na Educação foram profícuas e eficientes, quando analisamos seus propósitos e resultados, pois cumpriram bem o seu papel no processo de “mudar as aparências para que a realidade se reproduzisse atavicamente”. A “máquina de fazer dinheiro” conseguiu multiplicar a miséria também.

Os resultados para a educação foram desastrosos já que foi submetida totalmente à lógica da acumulação e do mercado. A formação humana precisou ser aligeirada, sobretudo no sentido de socializar as novas gerações e (re)socializar as gerações adultas na lógica da acumulação flexível. Para isso a educação nunca foi tão bajulada e indicada como essencial para todos. Estaríamos no *capitalismo do saber*, em que o principal capital é o conhecimento. Quem tem conhecimento tem poder e pode fazer parte da globalização econômica. Tais palavras de ordem foram repetidas à exaustão nos últimos anos. Ao mesmo tempo, jogaram a responsabilidade de educar-se para o indivíduo, ele por si mesmo tem que buscar sua educação. Isso implicou disponibilizar um número enorme de cursinhos, palestrinhas, conferências, *workshops*, etc., para manter todos bem atualizados, mediante pequenos “investimentos” (taxa, mensalidade, matrícula). A indústria de cursos e eventos cresceu muito.

A formação do professor, trabalhador da educação, tem sido um alvo importante. Em torno da “capacitação”, da “reciclagem”, da “certificação” e da “inovação” do professor ergueu-se também uma “indústria” de cursos à distância e presenciais virtuais de graduação e pós-graduação. O crescimento dos cursos privados é excepcional nos oitos anos de governo Fernando Henrique Cardoso no Brasil. Tal feito é apresentado como conquista da educação, uma vez que há hoje a exigência e a possibilidade de formação em nível superior para os professores do Ensino Fundamental. Dessa forma, todas as experiências, mesmo as mais bem sucedidas, de formação em nível médio foram depreciadas e desprezadas, sobretudo aquelas gestadas no setor público.

A inclusão do Ensino Médio como nível que compõe a Educação Básica na LDB de 1996 foi uma concessão importante, mas que não significou a criação de um aparato estrutural e de financiamento capaz de torná-lo de fato extensivo a todos como obrigatório. As reformas do Ensino Médio foram radicais na separação da Educação Profissional, criando uma cisão obrigatória entre preparação para o trabalho e a formação generalista. Na verdade, a idéia era adequar esse nível de ensino aos novos tempos de incertezas e destruição dos postos de trabalho e suas profissões. Como não existem carreiras a seguir não precisariam cursos de formação mais densos e mais longos. Além disso, esse seria um nicho importante para expansão do mercado privado, como de fato aconteceu, ou seja, a formação profissional teve uma expansão sem precedentes no setor privado.

É importante ressaltar ainda que a Educação Infantil (0 a 6 anos) também foi incluída como componente da Educação Básica na LDB de 1996, mas que, tal qual o Ensino Médio, essa medida legal não se traduziu em estrutura e garantias de financiamentos, sendo ainda um importante e significativo nível de ensino a ser expandido no setor público, uma vez que historicamente ele tem sido ofertado em maior número no setor privado. Outro problema desse nível de ensino é a formação de professores que não foi bem direcionada para esta especificidade, nos cursos Normal, no nível Médio e também nos cursos de Pedagogia do nível superior, havendo, portanto, como é o caso do Paraná, uma lacuna na formação de profissionais plenamente qualificados para educarem as crianças de 0 a 6 anos, faixa etária correspondente à Educação Infantil e de responsabilidade dos municípios.

Pode-se sintetizar que as reformas do Ensino Médio, Educação Profissional e na Formação de Professores, durante a segunda metade dos anos 90, pretenderam adequá-los ao novo padrão de acumulação capitalista, deslocando o conteúdo da socialização dos sujeitos no processo de formação humana, através da escolarização para a potencialização do chamado mercado educacional nestes níveis e modalidades, pela evidente expansão desta oferta educacional pelo setor privado.

No contexto apresentado e nos limites desta proposta cabe indagar, para melhor situar o complexo tema da formação de professores:

Como reverter esse processo, no âmbito governamental, num contexto de mudanças políticas que deverão operar em um contexto econômico semelhante ao que imprimiu as recentes *essas* alterações no aparato social e educacional?

Como retomar propostas de educação na perspectiva crítica, com vistas à formação de sujeitos com direito a uma sociedade regida por outra lógica, que não a do lucro, ainda sob a égide do mesmo capitalismo flexível?

Como atender à demanda por professores qualificados para atuar na Educação Infantil (0 a 6 anos), uma vez que até agora os cursos não priorizavam esse nível de escolarização?

Como continuar lutando pela escola pública, gratuita, de qualidade social em todos os níveis e modalidades, inclusive na formação de professores iniciando já no ensino médio?

Como efetivamente construir um currículo onde a integração dos conhecimentos básicos do Ensino Médio e os conhecimentos específicos da formação de professores não sejam sobrepostos ou desarticulados, buscando a integração deste currículo?

Tentar atender a essas questões, mesmo sabendo da contradição nelas contidas, é o desafio que ora nos dispomos a enfrentar.

1.2. Formação de Professores no Estado do Paraná

Com essas questões complexas e abrangentes, mas compreendidas como fundamentais para discutir a Formação de Professores, a equipe do Departamento de Educação Profissional da SEED-PR, junto com representações dos professores da rede e dos técnicos dos demais Departamentos de Ensino da SEED-PR, retoma, em 2003, o debate sobre a reconfiguração das propostas de formação de professores em nível Médio no Estado do Paraná. Por que retomar esse debate, integrando-o às políticas do Departamento de Educação Profissional - DEP da SEED?

Em primeiro lugar, pode-se argumentar que a política do DEP direciona para a retomada de uma proposta de formação humana muito diferente daquela que orientou as reformas dos últimos anos. Tanto no MEC como na SEED-PR há um esforço para recuperar a Ciência, a Tecnologia, a Cultura e o Trabalho como princípios educativos, este último no sentido gramsciano. Isso implica pensar a educação realizada nas instituições públicas como o centro responsável pela formação humana e profissional dos sujeitos sociais.

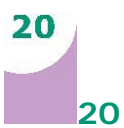
Nesse sentido, a formação dos professores é uma demanda que a SEED-PR decidiu enfrentar como uma forma de continuar a história do compromisso do setor público paranaense com esses profissionais que necessitam, ainda, do acesso a essa formação profissional.

O curso de Magistério no Estado do Paraná passou pelas reformas educacionais já mencionadas anteriormente, mas teve suas especificidades, sobretudo a partir de 1991, primeiro ano da implantação do currículo elaborado nos últimos anos da década de 80. Esse currículo tinha como princípio não dissociar a formação da educação geral da formação específica, mesmo porque essa dissociação curricular interna nunca esteve presente em nenhuma das propostas anteriores.

A discussão sobre a reformulação do curso de Magistério no Paraná inicia-se já em 1983², no seminário organizado pela diretora do FUNDEPAR, Prof^a. Lílian Wachowicz, onde já aparecem críticas e sugestões de superação para o curso concebido e concretizado durante os anos da ditadura militar. A crítica indicava o excesso de tecnicismo e de superficialidade na formação de professores realizada em três anos, com disciplinas e metodologias de ensino calcadas numa visão extremamente

² PARANÁ. FUNDEPAR. **Magistério para as séries Iniciais do Ensino de 1º Grau.** Anais do Seminário. Curitiba: SEED-PR, 1983 / (Organizadora: Diretoria da FUNDEPAR, Prof^a

Lilian Anna Wachowicz).



positivista da escola e da sociedade. Dessa forma, vários eventos e equipes foram elaborando outras propostas para o curso de Magistério, que resultou no currículo com duração de quatro anos que pretendia superar o denominado tecnicismo, psicologismo e positivismo que se faziam presentes na década de 80, considerada a época como referência nacional. Essa proposta foi aprovada pela Deliberação 02/90 do CEE, tendo como relatora a Conselheira Maria Dativa Salles Gonçalves.³

De 1992 a 1996, período de implantação da proposta, várias experiências educativas bem sucedidas foram desenvolvidas nos cursos de Magistério das escolas estaduais, algumas delas relatadas na avaliação feita por professoras da UFPR⁴ em 1995, que constataram mudanças importantes nas propostas de formação das professoras para as primeiras séries do Ensino Fundamental, tais como: contato dos alunos desde as primeiras séries do curso de magistério com a realidade educativa, aprofundamento dos conteúdos de fundamentos, esforço para mudar as metodologias e concepções de ensino através dos estágios, entre outras. É bem verdade que constaram dificuldades, tais como a permanência ainda de práticas tradicionais de ensino e avaliação, mesmo quando os professores do curso diziam ter alterado suas visões e concepções. Contudo, puderam perceber que a melhoria do curso dependeria de maior tempo para que as orientações da pedagogia histórico-crítica, então presentes nas políticas da SEED-PR, criassem raízes nas escolas.

Observa-se, porém, que, em 1995, ocorre mudança radical nos rumos da Educação do Paraná, acompanhando as tendências já mencionadas anteriormente em nível internacional e nacional, no sentido de adequação da educação ao capitalismo de acumulação flexível.

Assim, em outubro de 1996, a SEED-PR ordena o fechamento das matrículas de todos os cursos profissionalizantes, inclusive do Magistério. A SEED-PR propõe (impõe) o PROEM -Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio, que previa a estruturação do Ensino Profissionalizante como Pós-Médio, ou seja, seria criada uma rede de cursos para os egressos do Ensino Médio. Portanto, não seria mais possível fazer um curso profissionalizante e de Ensino Médio ao mesmo tempo, o que não é o caso do Magistério, garantido pela sua legislação específica (Delib. 02/90-CEE). O fechamento dos cursos profissionalizantes na rede estadual não significou a expansão do Ensino Médio com estrutura muito menor e nem a criação de uma nova rede de cursos profissionalizantes. Ao contrário, criou-se a PARANATEC - Agência para o Desenvolvimento do Ensino Técnico do Paraná, o que significou a materialização do processo de privatização da rede de ensino profissionalizante, possibilitando a ex

³ PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação-Proposta Curricular do Curso de Magistério/1992. ⁴ NUNES, Andrea do R. Caldas; TROJAN, Rose Meri; TAVARES, Taís Moura. **Análise da Implantação da Proposta Curricular do Curso de Magistério da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, no período de 1990 a 1994; Relatório de Pesquisa realizada nos anos de 1993 a 1995.** Curitiba: UFPR; Setor de Educação; Departamento de Planejamento e Administração Escolar, 1995.

pansão dos cursos profissionalizantes pagos em todo o Estado e impossibilitando o acesso ao ensino público, de natureza profissionalizante, à significativa parcela da população na faixa de 15 a 19 anos.

O processo de fechamento dos cursos na rede pública não foi sem resistências. Em outubro de 1996, ainda não havia sido aprovada a LDB, pois a data de sua promulgação é 20/12/1996. Assim, obviamente, ainda não havia legislação regulamentando o Segundo Grau e o Ensino Profissionalizante, o que aconteceu para este último em 1997, pelo Decreto 2.208. Desta forma, o Paraná adiantava-se à legislação federal e só não foram desativados todos os cursos já em 1996, porque algumas escolas não obedeceram a essa orientação e, com base em amparo legal, mantiveram os cursos funcionando.

Os diretores, professores e coordenadores dos cursos de Magistério tiveram um papel de destaque nessa luta, porque enfrentaram um aparato discursivo e persuasivo muito forte de defesa das reformas como mudanças boas e modernas. Além disso, as escolas sofreram ameaças de não serem mais financiadas ou modernizadas com o

dinheiro que viria do BID para o PROEM. As que não aderissem ao PROEM ficariam sem financiamento. Mesmo assim, quatorze escolas mantiveram seus cursos, no caso os cursos de magistério, quais sejam: C. E. Dep. Arnaldo Busato, Pinhais; C.

E. José Sarmento, Iretama; C. E. Princesa Isabel, Três Barras do Paraná; C. E. Cristo Rei, Cornélio Procópio; C. E. Paulo Leminski, Curitiba; C. E. Barão do Rio Branco, Foz do Iguaçu; C. E. Barbosa Ferraz, Ivaiporã; C. E. Cristóvão Colombo, Jardim Alegre;

C. E. Geremia Lunardelli, Lunardelli; C. E. Monteiro Lobato, Floresta; Inst. Estadual de Educação de Maringá, Maringá; Inst. Est. Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Paranaguá;

C. E. Anchieta, Cruzeiro do Oeste e C. E. Vicente Tomazini, Francisco Alves. Foram oito anos de pressão constante para que tudo desse errado nessas escolas. O que não ocorreu. Ao contrário, essas escolas ganharam respeitabilidade e hoje contribuem na elaboração dessa proposta de retomar a oferta dos cursos na rede pública estadual. O Departamento de Educação Profissional, a partir da definição das políticas desta gestão (2003-2006), assumiu a responsabilidade do setor público na oferta da modalidade de ensino Formação de Professores em Nível Médio, enfrentando, portanto, o grave problema da falta de professores para a Educação Infantil no Estado, o que implica a elaboração de proposta, de acordo com o que estaremos apresentando a seguir.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA MODALIDADE NORMAL, EM NÍVEL MÉDIO

2.1. Princípios Pedagógicos

Na dimensão aqui apresentada e coerente com a política defendida para a formação de professores, a proposta curricular tem como referência os princípios que devem perpassar a formação inicial dos professores na contemporaneidade, a seguir apresentados:

2.1.1. O Trabalho como Princípio Educativo

A proposta de currículo do curso Normal, em nível Médio, está calcada numa visão educacional em que o trabalho é o eixo do processo educativo, porque é através dele que o homem, ao modificar a natureza, também se modifica numa perspectiva que incorpora a própria história da formação humana. Portanto, o trabalho deve ser o centro da formação humana em todo o ensino médio e não apenas naquele que tem o adjetivo de profissionalizante. Ter o trabalho como princípio educativo implica compreender a natureza da relação que os homens estabelecem com o meio natural e social, bem como as relações sociais em suas tessituras institucionais, as quais desenham o que chamamos de sociedade. Assim, a educação é também uma manifestação histórica do estar e do fazer humano que fundamentam o processo de socialização. Como bem nos ensina Gramsci, os fundamentos científicos da compreensão e da produção social do saber e dos modos de produzir a vida precisam ser explicitados num projeto de educação emancipatória. A educação estabelece as bases científicas do trabalho humano num processo de socialização que liberta os homens do reino da necessidade para inaugurar o reino da liberdade. Isso só será possível se conseguirmos compreender o ato de estudar, de aprender e de ensinar como um trabalho condicionado pelo modo de produzir a vida no contexto do capitalismo, mas que não poderá se encerrar na reprodução desse sistema social, apontando para um dever, um futuro que todos teremos que fazer nascer. Nesse sentido, o Ensino Médio tem um papel fundamental de lapidar a formação inicial (do Ensino Fundamental), apontando as possibilidades de aprofundamento que os jovens poderão escolher ao longo de sua escolarização. Se pensarmos nos três eixos que tradicionalmente constituem as trajetórias de formação: o científico, o de profissões e o cultural, poderemos organizar este nível de ensino apontando possibilidades que os unifiquem por não serem excludentes no espaço/tempo da escolarização, mas que poderão ser escolhidos como forma de dedicação mais especializada, que os jovens poderão seguir futuramente. Ou seja, poderão já no Ensino Médio vislumbrar uma dedicação maior à compreensão das ciências de base, a uma profissão

como uma forma de conceber a ciência não desvinculada da técnica e da tecnologia e a algumas formas de arte.

No caso do Normal, considerando que encaminhamos os jovens para a profissão de educador, propomos um currículo que possa formá-los solidamente nos fundamentos das diferentes ciências e artes, especialmente nas ciências da educação.

O currículo não deve ser dicotômico, pois o “fazer e saber sobre o fazer” deverão ser elementos integrados ao processo de formação dos alunos. Os saberes disciplinares não poderão ser independentes dos saberes profissionais. Ao ensinar química, biologia, matemática, português, ou outra disciplina, os docentes deverão ter presente o compromisso com aqueles conhecimentos, no sentido de que eles serão ensinados pelos futuros professores das crianças de 0 a 10 anos de idade. Os alunos, por sua vez, deverão estar comprometidos com o processo de aprendizagem porque estão se preparando para um trabalho com características especiais

— a educação de crianças. O professor, como todo ser social, é portador de história, carrega uma gama de sentidos e significados sociais que configuram toda sua atividade de aprender e ensinar. Todo ser que trabalha necessita se reconhecer no que resulta do processo criador. É um intelectual que transforma atos e objetos no

processo do trabalho de formar, ensinar, aprender e produzir

conhecimentos. Dessa forma, em qualquer

proposta de formação de professores, seja inicial ou continuada, a compreensão do objeto e do produto do trabalho do professor precisa ser delineada. O *objeto e*

o trabalho do professor não são coisas, são pessoas (alunos), é o outro, é seu semelhante, e não um objeto sobre o qual o professor plasma sua subjetividade, mas trata-se sobretudo de outro ser humano. Por sua vez, os *meios de trabalho* também são diferenciados: o *meio de trabalho* é o próprio professor e a relação social, num processo de trabalho complexo e diferente do processo de produção material, porque se inicia e se completa em uma relação estritamente social, permeada e carregada de história, de afeto e de contradições, características próprias das relações entre os seres humanos. Nesse sentido, o conhecimento escolar é o núcleo fundamental da práxis pedagógica do professor. É neste contexto histórico e social que as possibilidades de exercer seu papel emancipador se explicitam, contribuindo para o processo de transformação social.

Dessa forma, propõe-se a composição curricular articulada aos saberes disciplinares e específicos do “saber fazer” da profissão de professor. Isto significa dizer que

□. o núcleo fundamental da formação do professor pressupõe por um lado o domínio dos conteúdos que serão objeto do processo ensino-aprendizagem e, por outro, o domínio das formas através das quais se realiza este processo.

Nessa linha de considerações, o trabalho como princípio educativo no trabalho do professor toma forma na medida em que se constitui como elemento basilar da sua práxis. Trabalho este aqui entendido como a forma pela qual se dá a produção do conhecimento no interior da escola.

2.1.2. A Práxis como Princípio Curricular

Se o trabalho é um dos princípios educativos do currículo de formação de professores, então a prática docente deve ser encarada no sentido da práxis, o que significa dizer que a dimensão política torna-se a chave para a compreensão do saber e do fazer educativo. Ou seja, compreendem-se os processos de conhecimento científico e de todos os tipos de conhecimentos a partir de sua natureza social, como produto coletivo de relações amplas entre objeto-coletividade e não de indivíduo-objeto, numa dimensão tipicamente individualista.

Nesse sentido, a formação do professor em si mesma já é uma práxis, porque é uma atividade social prática, que poderá ser alienada ou consciente. Se for alienada não atingirá a dimensão política da ação humana, divorciando ainda mais a “teoria” e a “prática”, mesmo quando se demonstra à exaustão as utilidades dos saberes e as formas de praticá-los. Essa ilusão é muito comum nas propostas liberais de educação que, ao proporem a aplicabilidade da ciência como forma de motivação para o aluno aprender, pensam que estão unindo teoria e prática, o que contraria o conceito de práxis no sentido marxista. A práxis, no sentido que lhe atribui Marx, não se confunde com a prática estritamente utilitária, voltada para resultados imediatos, tal como é concebida comumente. A redução do prático ao utilitário implica a eliminação do aspecto humano, subjetivo, em face do objeto. Deste modo, as coisas são entendidas como se significassem por si mesmas, independentemente dos atos humanos. A práxis marxista supera essa visão imediata e ingênua, ao acentuar criticamente os condicionantes sociais, econômicos, ideológicos-históricos, que resultam da ação dos homens (VÁZQUEZ: 1977).

Assim compreendida a atividade humana, numa dimensão não alienada, portanto consciente (com ciência) da natureza do processo que fundamenta o conhecimento sobre os fenômenos sociais e naturais, a práxis é a teoria e a prática ao mesmo tempo. Isso não significa articular a prática e a teoria. Isso significa que a atividade humana é compreendida como teoria e prática ao mesmo tempo, sempre. Assim, o aluno não precisa ser lembrado ou instado o tempo todo a ver a utilidade e a aplicabilidade de qualquer conceito como forma de unir teoria e prática. Toda e qualquer disciplina/ciência que está sendo ensinada é ao mesmo tempo teoria e prática. Contudo, no processo de didatização, pode-se demonstrar as dimensões dos conhecimentos através de momentos diferenciados de experiências mais “teóricas” e/ou mais “práticas”, que só farão sentido se a práxis não for alienada e daí sim transformar a ação humana de alienada/explorada para política/libertada.

Na organização do currículo isso se refletirá se possibilitarmos, em todas as etapas didáticas da formação, espaços e tempos em que docentes e alunos possam enfrentar todas as dimensões do trabalho de professor como práxis, como atividade humana, condicionada pelo modo de produção de vida predominante, mas que, por lidar com a dimensão mais política da socialização humana, tem o compromisso com o futuro, com a transformação. As atividades desenvolvidas na operacionalização do currículo como aulas, oficinas, seminários, estágios realizados nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental e as vivências artísticas deverão propiciar a compreensão de prática docente como práxis. Portanto, esta “prática” é teoria e prática ao mesmo tempo, guardando a coerência com a concepção aqui explicitada.

2.1.3. O Direito da Criança ao Atendimento Escolar

Atualmente é inegável a importância do processo de formação humana das crianças de 0 a 6 anos de idade, o que se encontra ratificado em todos os documentos que tratam sobre o importante tema da Educação Infantil, em especial os de ordem política e legal dentro do princípio de que a educação é um direito de todas as crianças.

Isto afirmado, a formação dos profissionais de Educação Infantil, inclusive os que já se encontram em plena atividade é uma demanda legítima, para que se possa oferecer a formação mínima da modalidade normal em nível médio, sem a qual se torna inviável cumprir os preceitos legais estabelecidos, inclusive por que tal formação antes não era ofertada na rede pública.

Nesta linha de raciocínio é recente a preocupação com a manutenção e desenvolvimento da Educação Infantil e de uma política de intervenção pedagógica efetiva que priorize, via formação de profissionais especializados, o atendimento à população, principalmente a de baixa renda, em instituições públicas, com qualidade.

Sabemos que a Educação Infantil é de responsabilidade dos municípios, porém no momento da travessia, que não é fácil, não se pode desconsiderar o sentido da parceria e da cooperação que o poder público estadual pode e está assumindo.

Segundo os dados do PNE (2001) em 1997, “de uma população de aproximadamente 9,2 milhões de crianças entre 4 e 6 anos, 4,3 milhões estavam matriculadas em pré-escolas em 1997, ou seja, 46,7% do total. Em 1998, este índice caiu para 4,1 milhões, 44% do número total de crianças nesta faixa etária.” (BRUEL, 2002: 55)

Assim, pode-se alinhar alguns princípios em relação aos direitos das crianças, considerando especificidades da faixa de 0 a 6 anos, para o seu atendimento afetivo, emocional e cognitivo, os quais devem estar transversalizando a formação dos professores, quais sejam:

- respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas,

religiosas, etc.;

- direito das crianças de brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;
- atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

Historicamente, o atendimento às crianças de 0 a 6 anos em instituições públicas sempre foi compreendido como um favor permeado por características de assistencialismo. Modificar essa representação social não é tarefa fácil, uma vez que implica assumir uma concepção de infância e de Educação Infantil as quais não podem ser vistas de forma isolada, mas entendendo a estreita vinculação entre classes sociais e suas responsabilidades e o papel do Estado na consecução de políticas afirmativas para a área educacional.

Neste quadro de realidade, privilegiar no currículo de formação de professores o conceito de cuidar, educar, criança e aprendizagem, enquanto categorias que devem integrar o trabalho dos professores, é uma necessidade fundamental, reconhecendo que o conhecimento não espelha a realidade, mas é resultado a ser desenvolvido no saber fazer próprio dos professores de crianças, o qual inclui não apenas criação mas, sobretudo, significação e ressignificação dos sentidos da existência humana e social.

3. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Ao apresentar a proposta do currículo para o curso de formação de professores de forma conjugada, ou seja, a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, iniciamos considerando a dimensão legal que o ampara e, na seqüência explicitando as contribuições advindas dos estudos mais recentes a respeito do Curso de Formação de Professores, Modalidade Normal, nível médio.

Historicamente podemos situar os princípios educativos da Lei 5692/71, que estabeleceu um modelo de educação voltado para o atendimento das demandas do mercado de trabalho nos moldes taylorista/fordista, ou seja, apontando nitidamente a divisão entre pensamento e ação, como mencionado anteriormente.

No caso específico da habilitação Magistério em nível de Segundo Grau, a referida lei descaracterizou o antigo Curso Normal, introduzindo a mesma dicotomia entre a formação geral e específica, o que já ocorria nas licenciaturas. Dessa forma, a habilitação Magistério passou a ser “uma habilitação a mais” no Segundo Grau, portanto, sem identidade própria. Essa desarticulação por sua vez conferiu ao Curso de Magistério condições precárias para o exercício da docência e uma desqualificação significativa na formação dos futuros professores.

Contudo a Lei 9394/96, retomando a aprendizagem como foco de suas preocupações, confere então, se comparada às demais legislações, um especial destaque às novas incumbências dos professores, ampliando legalmente o atendimento à criança. Nesse sentido, estabelece de forma incisiva a articulação entre o atendimento às crianças de 0 a 6 anos e a educação. No seu título IV, que trata da organização da Educação Nacional, art.º 11, considera que: “os municípios incumbir-se-ão de: (...) oferecer Educação Infantil em creches e Pré-escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino.”

No entanto, a Educação Infantil, ou seja de 0 a 6 anos, pressupõe os processos de **cuidar** e **educar**, os quais terão implicações profundas na organização e gestão das instituições que trabalham com crianças (creches e pré-escolas), principalmente em sua proposta pedagógica. Considerando então que é a formação do profissional que irá desenvolver o trabalho junto a estas instituições para marcar a sua nova identidade enquanto diversa daquela instituição própria da família, isto requer uma formação consistente e, sobretudo, a exigência de profissionais com formação específica. Para tal, há que se pensar numa organização curricular que dê conta de destacar para os professores em formação que o currículo é constituído de conhecimentos produzidos historicamente, e como tal devem estar presentes na formação dos professores em seu processo de escolarização. Isto significa dizer que a produção dos saberes se faz presente em todas as etapas do processo educacional.

Nesta perspectiva, a implantação de um currículo que contemple as duas modalidades de formação: Educação infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, exige que tanto as políticas educacionais quanto os profissionais estejam comprometidos na efetivação de diretrizes e ações que venham a responder aos anseios das famílias e das crianças pequenas, assim como os aspectos didático-pedagógicos voltados exclusivamente para o atendimento às peculiaridades das aprendizagens infantis (0 a 6 anos). No que diz respeito ao trabalho com os anos iniciais, o entendimento quanto à organização curricular, numa perspectiva de habilitações integradas, não poderia ser diferente. Isto é, o que foi colocado até aqui indica como vimos que, para uma formação sólida do professor que vai atuar junto às crianças em processo de alfabetização, é preciso considerar além dos conhecimentos psicológicos, filosóficos e sócio-antropológicos, os conhecimentos psicolinguísticos, pois este saber é condição *sine qua non* para que este professor cumpra o seu papel de promover e ampliar o grau de letramento dos alunos.

A opção pela organização curricular do Curso de Formação de Professores, numa perspectiva integrada, objetiva a ressignificação da oferta do curso na Rede Estadual. Ressignificar o curso de formação de professores na modalidade Normal, atualmente, significa compreender a importância de sua oferta, ainda que transitória, na Rede Pública Estadual. Neste sentido, faz-se necessário explicitar que a política de expansão do Departamento de Educação Profissional estabeleceu, como critério básico, a sua oferta em locais em que ainda os dados da realidade exigirem e em instituições comprometidas com uma formação de qualidade, o que irá ampliar a sua oferta, não ficando restrita apenas às quatorze instituições que resistiram aos tempos de políticas educacionais equivocadas. Isto significa dizer que “em primeiro lugar vêm as pessoas e estas não podem ser sacrificadas em nome da reestruturação produtiva” (FRIGOTTO, 2003).

4. PRÁTICA DE FORMAÇÃO

As práticas pedagógicas se constituem no eixo articulador dos saberes fragmentados nas disciplinas. São o mecanismo que garantirá um espaço e um tempo para a realização da relação e contextualização entre saberes e os fenômenos comuns, objetos de estudo de cada ciência ou área de conhecimento específica. O objeto de estudo e de intervenção comum é a educação. Contudo, esse fenômeno geral será traduzido em problemas de ensino aprendizagem contemporâneos, a partir dos pressupostos que orientam o curso e dos objetivos da formação.

A Prática de Formação nesta proposta de currículo possui a carga horária de 800 horas, atendendo a legislação vigente (Del. 010/99 do CEE). A carga horária da Prática de Formação integra a do curso como um todo, considerando que o mesmo configura-se como componente indispensável para a integralização do currículo. A Prática de Formação deverá ser um trabalho coletivo da instituição, fruto de seu Projeto Pedagógico. Nesse sentido, todos os professores responsáveis pela formação do educador deverão participar, em diferentes níveis, da formação teórico-prática do seu aluno. A seguir apresentamos alguns pontos de partida como proposta inicial, os quais poderão ser redefinidos ao longo do curso.

- 1. Na primeira série**, as práticas pedagógicas se concentrarão nos **“sentidos e significados do trabalho do professor/educador”**, em diferentes modalidades e dimensões. O eixo será possibilitar **a observação do trabalho docente** pelos alunos. Isso implicará visitas às: a) creches; b) instituições que tenham maternal e pré-escola; c) escolas, preferencialmente na 1ª e 2ª séries.

Os professores das disciplinas deverão reunir-se periodicamente para organizar os encaminhamentos dessa atividade, elaborando roteiros de observações, indicando as leituras prévias e obrigatórias, preparando os alunos para o contato com as instituições. As reuniões deverão acontecer também para discutir os resultados das visitas, os relatórios elaborados pelos alunos e para realizar o mapeamento dos problemas/fenômenos educativos mais recorrentes na observação dos alunos. Após isso, deverão aprofundar os níveis de problematização e redefinir eixos que serão trabalhados por todos os professores de acordo com os referenciais de suas disciplinas, mostrando para os alunos o processo de teorização, de elaboração de hipóteses e de reproblemática, que envolvem a prática profissional da educação.

No final do período letivo os alunos reelaboram seus relatórios iniciais de observação, comparam com suas visões no início do ano e no final, identificando as modificações e o que conseguiram compreender sobre a natureza do trabalho do professor/educador.

Ressalta-se que através dessas atividades também será possível avaliar o desempenho dos alunos nas disciplinas, ou seja, em que medida conseguiram aproveitar as reflexões das disciplinas.

2. Na segunda série, pretende-se colocar os alunos em contato com situações problemáticas no âmbito de algumas modalidades específicas e de experiências educacionais extra-escolares. **“A Pluralidade Cultural, as diversidades, as desigualdades e a educação”** será o mote principal, em torno do qual os professores irão se organizar e encaminhar as atividades junto com os alunos. As observações ocorrerão em: a) creches e/ou escolas regulares, que tenham um número significativo de

- alunos portadores de necessidades educacionais especiais; b) instituições especializadas em diferentes necessidades especiais, tais como, as APAES, os institutos de deficientes visuais, auditivos, entre outros;
- c) projetos alternativos de educação popular (caso existam nas proximidades) voltados para crianças, ou adolescentes, ou jovens e adultos, coordenados por organizações não governamentais e/ou prefeituras;
- d) projetos voltados para a educação indígena e/ou educação do campo, caso existam nas proximidades.

As disciplinas de fundamentos sociológicos, educação especial, enfim, todo o conjunto das áreas da segunda série possibilitará suportes teóricos para elaboração de roteiros de observação e investigação nestas realidades. Espera-se com essa temática não só a ampliação da visão dos alunos acerca da natureza do trabalho do professor, mas também a percepção das especificidades do ofício diante de diferentes demandas sociais e políticas.

3. Na terceira série, o problema central será **“Condicionantes da infância e da família no Brasil e os fundamentos da educação infantil”**. Justifica-se essa problemática porque, para a formação do educador infantil, muito ainda há que se elaborar e refletir. Nessa fase do curso, os professores terão que desenvolver atividades com esse foco. O resultado esperado é a produção de pesquisas e observações em instituições levantando as concepções de infância, de família e de educação em confronto na sociedade, entre os educadores, nas famílias e até mesmo entre os docentes do curso que realizam. Outro elemento aglutinador será **“Artes, Brinquedos, crianças e a educação nas diferentes instituições”**.

Inventariar o maior número possível de artes e brinquedos utilizados nas creches e pré-escolas, com o intuito de pensar seus fundamentos sócio-psicológicos e suas funções no desenvolvimento infantil. Analisar e recuperar a história das brincadeiras, das artes, sobretudo das músicas, das danças, do teatro e da literatura, dos Contos e da arte de contar estórias.

O resultado deverá ser uma exposição de todo o material confeccionado e/ou encontrado pronto para exemplificar.

4. Na quarta série os alunos iniciam suas experiências práticas de ensinar. Para isso contaremos com a parceria dos professores do ensino fundamental. Tendo como pressuposto que a realidade não é fragmentada, mas que, na organização curricular, dividimos as disciplinas nas diferentes áreas do conhecimento, como recurso didático de formação, caberá aos professores criarem as condições nas modalidades **Práticas Pedagógicas**, para que o aluno contextualize os conteúdos desenvolvidos nas aulas das disciplinas. Ou seja, o Estágio Supervisionado garante a possibilidade de o aluno vivenciar as práticas pedagógicas nas escolas. É nesse espaço que o futuro professor desenvolve de fato a práxis profissional, ou seja, elabora uma prática educativa, a partir das teorias estudadas, transformando simultaneamente as práticas e as teorias e alcançando a ação política (práxis), entendida como a essência de toda prática educativa (Paulo Freire).

Dessa forma, o estágio deverá possibilitar ao aluno a elaboração de materiais didáticos, a seleção adequada dos mesmos e o desenvolvimento de técnicas de ensino adequadas para as crianças.

Obrigatoriamente os alunos deverão fazer primeiro o estágio com crianças de 0 a 6 anos e, na segunda fase, com crianças de 7 a 10 anos, completando assim todo o ciclo dessa fase da educação.

CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - NORMAL, EM NÍVEL MÉDIO* Ano de Implantação: 2004							
Turnos: Diurno e Noturno Módulo: 40 - Carga Horária Total = 4.800 h							
	DISCIPLINAS	1 a	2 a	3 a	4 a	H. Aula	H. Relógio
BASE NACIONAL COMUM	Língua Portuguesa e Literatura	4	3	2	3	480	400
	Língua Estrangeira Moderna			2	2	160	133
	Arte	2	2			160	133
	Educação Física	2	2	2	2	320	267
	Matemática	4	2	4	2	480	400
	Física			3	2	200	167
	Química			2	2	160	133
	Biologia	3	2			200	167
	História	2	2			160	133
	Geografia	2	2			160	133
	Sub-total	19	15	15	13	2480	2067
FUNDA- MENTOS DA EDUCAÇÃO	Fundamentos Históricos da Educação	2				80	67
	Fundamentos Filosóficos da Educação			2		80	67
	Fundamentos Sociológicos da Educação		2			80	67
	Fundamentos Psicológicos da Educação	2				80	67
	Fundamentos Históricos e Políticos da Educação Infantil		2			80	67
	Concepções Norteadoras da Educação Especial		2			80	67
GESTÃO ESCOLAR	Trabalho Pedagógico na Educação Infantil		2	2		160	133
	Organização do Trabalho Pedagógico	2	2			160	133
METODOL OGIAS	Literatura Infantil			2		80	67
	Metodologia do Ensino de Português/Alfabetização			2	2	160	133
	Metodologia do Ensino de Matemática			2		80	67
	Metodologia do Ensino de História				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Geografia				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Ciências				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Arte				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Educação Física				2	80	67
Sub-tota l		6	10	10	12	720	600
TOTAL		25	25	25	25	4000	3333
PRÁTICA DEFORMA ÇÃO	Estágio Supervisionado	5	5	5	5		
	Total	30	30	30	30	800	667
	TOTAL GERAL					4800	4000

5. MATRIZ CURRICULAR

* Matriz curricular: vigência 2004/2006

CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUC. INF. E DOS ANOS INICIAIS DO ENS. FUND. EM NÍVEL MÉDIO, NA MODALIDADE NORMAL*

Ano de Implantação: **2007- simultânea** Turnos: **Diurno e Noturno**
Módulo: **40** - Carga Horária Total = **4.800h/a**

	DISCIPLINAS					H. Aula	H. Relógio
		1ª	2ª	3ª	4ª		
BASE NACIONAL COMUM	Língua Portuguesa e Literatura	4	3	2	3	480	400
	Arte	2				80	67
	Educação Física	2	2	2	2	320	267
	Matemática	3	2	4	2	440	366
	Física			3	2	200	167
	Química			2	2	160	133
	Biologia	2	2			160	133
	História	2	2			160	133
	Geografia	2	2			160	133
	Sociologia		2			80	67
	Filosofia	2				80	67
	Sub-total	19	15	13	11	2320	1934
P D	Língua Estrangeira Moderna			2	2	160	133
	Sub-total			2	2	160	133
FORMAÇÃO ESPECÍFICA	Fundamentos Históricos da Educação	2				80	67
	Fund. Filos da Educação			2		80	67
	Fund. Sociol. da Educação		2			80	67
	Fundamentos Psicológicos da Educação	2				80	67
	Fund. Hist. e Polít. da Educ Infantil		2			80	67
	Concepções Norteadoras da Educação Especial		2			80	67
	Trabalho Pedagógico na Educação Infantil		2	2		160	133
	Organização do Trabalho Pedagógico	2	2			160	133
	Literatura Infantil			2		80	67
	Metodologia do Ensino de Português / Alfabetização			2	2	160	133
	Metodologia do Ensino de Matemática			2		80	67
	Metodologia do Ensino de História				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Geografia				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Ciências				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Arte				2	80	67
	Metodologia do Ensino de Educação Física				2	80	67
		6	10	10	12	1520	1266
		25	25	25	25	4000	3333
	Prática de Formação (Estágio Supervisionado)	5	5	5	5		
	Total	30	30	30	30	800	667
TOTAL GERAL					4800	4000	

*Matriz Curricular: vigência 2007, conforme Res. nº 04/06/07 – CNE/CEB e Del. nº 06/06 -CEE

6. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DA BASE NACIONAL COMUM

6.1. LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

EMENTA: Concepções teóricas e práticas da Língua Portuguesa. O discurso e as práticas de oralidade, a leitura e a escrita como princípios norteadores do Ensino de Língua Materna. Concepções teóricas e práticas da Literatura.

Indicações Bibliográficas

AGUIAR, V. T. de. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ANDRADE, M.L. C.V.O; AQUINO, Z. G. O; FÁVARO, L. L. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** São Paulo: Cortez, 1999.

ANDRADE, M. de. **Aspectos da literatura brasileira.** 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira.** São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura.** São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1977.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolingüística.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

BRITTO, L. P. L. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical.** Campinas: Mercado das Letras, 1997.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1980. BUESCU, M. L. C. **História da literatura.** 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bú.** São Paulo: Scipione, 1999.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as idéias do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Criar Edições, 2003. GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1997. GERALDI, J. **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1991. GUIMARÃES, E. **A articulação do texto.** 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. IRANDÉ, A. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

KAYSER, W. Análise e interpretação da obra literária. 6. ed. In: COIMBRA, A. A.; LAPA, M. R. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1982. KLEIMAN, A; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

KRAMER, S. **Alfabetização: leitura e escrita**. São Paulo: Ática, 2004. LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. PERINI, M. A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola

Editorial, 2004. PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. POSSENTI, S. **Por que não ensinar gramática**. 4. ed. Campinas: Mercado das

Letras, 1996. ZILBERMMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

6.2. LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA

EMENTA: Textos em diferentes gêneros textuais. Conhecimentos lingüísticos, discursivos, sócio-pragmáticos e culturais. Práticas de oralidade, de leitura e de escrita

– trabalhadas simultaneamente. Articulação com as demais disciplinas do currículo relacionando os vários conhecimentos.

Indicações Bibliográficas

CELANI, M. A. A. **Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens**. São Paulo: EDUC, 1997.

CORACINI, M. J. R. F. (org.) **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1995.

CORACINI, M. J. R. F. **O caráter persuasivo da aula de leitura**. Trabalhos em lingüística aplicada. Campinas: Pontes, 1994.

MOITA L. L. P. da. **Oficina de lingüística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SCARAMUCCI, M. V. R. **O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: o foco no produto e no processo**. Campinas: UNICAMP, 1995. Tese (Doutorado).

VALE. D. R. do. **Relações anafóricas em perguntas de compreensão em leitura em língua estrangeira**. Uberlândia, 1998. Dissertação (Mestrado).

6.3. ARTE:

Teatro e Dança

EMENTA: Conhecimento teórico-prático dos fundamentos do teatro, dança, música e artes visuais como elementos essenciais para a formação dos sentidos humanos e familiarização dos bens culturais produzidos na história da humanidade. O conhecimento em arte constitui-se pelos seus **elementos formais e de composição**, relacionados aos **movimentos e períodos** e a compreensão do **tempo e espaço** nas obras de arte e no cotidiano.

Indicações Bibliográficas - Teatro

BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BIASOLI, C. L. A. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação**.

Campinas: Papyrus, 1999. BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer**

algo através do teatro. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

1991. BRANDÃO, J. **Teatro grego: origem e evolução**. São Paulo: Ars

Poética, 1992. CAMARGO, R. G. **A sonoplastia no teatro**. Rio de Janeiro:

Instituto Nacional de

Artes Cênicas, 1986. CARVALHO. Ê. J. C. **História e formação do ator**.

São Paulo: Ática, 1989. CARVALHO. Ê. J. C. **O que é ator**. 2. ed. São

Paulo: Brasiliense, 1992. COURTNEY, R. **Jogo, teatro & pensamento**. 2

ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. GASSNER, J. **Mestres do teatro**. 3. ed.

São Paulo: Perspectiva/USP, 1974. v. 1. GUINSBURG, J. et al. **Semiologia**

do teatro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988. JAPIASSU, R. **Metodologia**

do ensino de teatro. São Paulo: Papyrus, 2001. KOUDELA, I. D. **Jogos**

teatrais. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. MACHADO, N. J. **Ensaio**

transversais: cidadania e educação. São Paulo: Escrituras,

1997. MAGALDI, S. **Iniciação ao teatro**. São Paulo: Buriti, 1965.

REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. 2. ed. São Paulo:

Scipione, 1997. ROSENFELD, A. **O teatro épico**. São Paulo: Buriti, 1965.

ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral: 1880-1980**. Rio de Janeiro:

Zahar, 1982. SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 3. ed. São Paulo:
Perspectiva, 1992.

Indicações Bibliográficas - Dança

BOUCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo. Blume, 1981.

BRICKMAN, L. **Linguagem do movimento corporal**. São Paulo, Summus, 1989.

FUX, M. **Dança, experiência de vida**. São Paulo, Summus, 1983. GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. GELB, M. **O aprendizado do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. HASELBACH, B. **Dança, improvisação e movimento: expressão corporal na educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989. LABAN, R. V. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978. MENDES, M. G. **A dança**. São Paulo: Ática, 1985. OSSONA, P. A. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

Música/Artes Visuais

EMENTA: Conhecimento teórico prático dos elementos básicos da linguagem musical e a utilização da música como instrumento para a educação infantil e anos iniciais. Conhecimento teórico-prático dos fundamentos das artes visuais. Enfoque da arte como área do conhecimento nas suas dimensões de criação, apreciação e comunicação como instrumento para a educação infantil e anos iniciais.

Indicações Bibliográficas - Música

ALFAYA, M.; PAREJO, E. **Musicalizar: uma proposta para vivência dos elementos musicais**. São Paulo: Musimed, 1987.

ALMEIDA, T. M. M. **Quem canta seus males espanta**. São Paulo: Caramelo, 1998.

BARBOSA, A. M. B. (org) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BOAL, A. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,

FUKS, R. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GAINZA, V. H. **La iniciación musical de los niños**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964.

GAINZA, V. H. **Fundamentos, materiales y técnicas de la educación musical**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1977.

GOMBRICH, E. **A história da arte**. Guanabara: LTC, s.d.

HOWARD, W. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984. JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1990. KATER, C.; LOBÃO, P. **Musicalização através da canção popular brasileira**: propostas de atividades criativas para o uso na escola. São Paulo: Atravez/Associação Artístico-Cultural, 2001. v. 1 LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. MARTINS, R. **Educação musical**: conceitos e preconceitos. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985. MARSICO, L. O. **A criança e a música**. Rio de Janeiro: Globo, 1982. MOURA, I. M. C. **Musicalizando crianças**: teoria e prática da educação musical. São Paulo: Ática, 1989. OSTROWER, F. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1983. OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987. PENNA, M. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990. SCHAFFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991. TATIT, L. **O século da canção**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. WISNICK, J. M. **O som e os sentidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Indicações Bibliográficas - Artes Visuais

BARBOSA. A. M. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA. A. M. (org.) **Arte-educação**: leitura no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

BARBOSA A. M. (org.) **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BUORO, A. B. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FERRAZ, M.; FUSARI, M. R. H. **Arte na educação escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARTINS, M. C. et. al. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998. OSTROWER, F. **A sensibilidade do intelecto.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1999.

PILLAR, A. D. (org.) **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

6.4. GEOGRAFIA

EMENTA: Histórico da Geografia como ciência. Objeto de estudo e de ensino da Geografia: o espaço geográfico. Conceitos básicos da Geografia: paisagem, região, lugar, território, natureza e sociedade. A interpretação do objeto de estudo e dos conceitos básicos nas diferentes linhas de pensamento geográfico. Análise espacial: histórica, social, econômica e cultural nas diferentes escalas geográficas, tais como local, regional, nacional e global. Categorias de análise do espaço geográfico: relações espaço-temporais e relações sociedade-natureza.

Indicações Bibliográficas

ADAS, M. **Panorama geográfico do Brasil.** São Paulo: Moderna, 2000.

ALMEIDA, R; PASSINI, E. **O espaço geográfico, ensino e representação.** São Paulo: Contexto, 1991. ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa.** São Paulo: Contexto, 2003.

ARCHELA, R. S.; GOMES, M. F. V. B. **Geografia para o ensino médio: manual de aulas práticas.** Londrina: UEL, 1999. ANDRADE, M. C. de. **Uma geografia para o século XXI.** Campinas: Papirus, 1994. ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade.** São Paulo: Atlas, 1987.

ANDRADE, L. et al. **Oficinas ecológicas.** Petrópolis: Vozes, 1996. CARLOS, A. A . F. A. (org.) **A geografia na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

CARLOS, A . A . F. A . (org.) **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, M. I. **Fim de século : a escola e a geografia.** Ijuí: Unijuí, 1998. CASTRO, I. et al (org.) **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento.** Campinas: Papirus, 1998.

CASTROGIOVANNI, A. C. (org.) **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1999. CASTROGIOVANNI A. C. **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CASCINO, F. A. **Da educação ambiental à ecopedagogia**. São Paulo: Edusp, 1996.

CASCINO, F. A. **Educação ambiental**. São Paulo: Senac, 1999. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORNELL, J. **Brincar e aprender com a natureza**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

CORNELL, J. **A Alegria de aprender com a natureza**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1995.

DIAS, F. **Atividades interdisciplinares de educação ambiental**. São Paulo: Global, 1994.

EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo: Ática, 1997.

FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Unesp, 1995.

FRIGOTTO, G. Trabalho -educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 14, p. 17-28, jan./jun. 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GIANSANTI, R. **O desafio do desenvolvimento sustentável**. São Paulo, Atual, 1999.

GIANSANTI, R.; OLIVA, J. **Temas da geografia do Brasil**. São Paulo: Atual, 1999.

GUIMARÃES, R. et al. **Geografia pesquisa e ação**. São Paulo: Moderna, 2000.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1999.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro:

Bertrand Brasil, 1997.

- GOODSON, Y. **Currículo: teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói : EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- HUTCHISON, D. **Educação ecológica**. Porto Alegre, Artmed, 2000. KOZEL, S.; FILIZOLA, R. **Didática da geografia : memórias da terra -o espaço vivido**. São Paulo: FTD, 1996.
- LACOSTE, Y. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MORAES, A. C. R. **Geografia crítica: a valorização do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994. MOREIRA, R. **O círculo e a espiral (a crise paradigmática do mundo moderno)**. Rio de Janeiro: Coautor, 1993.
- NIDELCOFF, M. T. **A escola e a compreensão da realidade : ensaios sobre a metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Brasiliense, 1986. OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- OLIVEIRA, A. U. (org) **Reformas no mundo da educação: parâmetros curriculares e geografia**. São Paulo: Contexto, 1999. PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático**. Belo Horizonte: Lê, 1994.
- PEREIRA, R. M. A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. Florianópolis: UFSC, 1993. QUAINI, M. **A construção da geografia humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. RAMONET, I. **Geopolítica do caos**. Petrópolis: Vozes, 1998. RUA, J.; WASZKIAVICUS, F.A; TANNURI, M. R. P.; PÓVOA NETO, H. **Para ensinar geografia: contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: Access, 1993.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000. SANTOS, M. **A natureza do espaço técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: o meio técnico-científico informacional. São Paulo, Hucitec, 1996. SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1986. SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. SANTOS, M. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. SANTOS, M. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986. SILVA, A. C. da. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, A. C. da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988. VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992.

6.5. MATEMÁTICA

EMENTA: Conjuntos dos números reais. Noções sobre números complexos. Polinômios. Noções básicas de geometria não-Euclidiana. Análise combinatória. Binômio de Newton. Estatística e matemática financeira. Funções. Progressões. Matrizes. Determinantes. Sistemas lineares. Geometria plana. Trigonometria. Geometria espacial e de posição. Probabilidade.

Indicações Bibliográficas

BOYER, C. B. **História da matemática**. São Paulo: Edgard Blücher/Edusp, 1974.

CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. Lisboa: Livraria Escolar Editora, 1970. CENTURIÓN, M. **Conteúdo e metodologia da matemática**: números e operações.

São Paulo: Scipione, 1994. DAVIS, P. J. **A experiência matemática**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. IEZZI, G. et al. **Coleção fundamentos de matemática elementar**. São Paulo:

Atual, 1998.

MACHADO, N. J. et al. **Coleção vivendo a matemática**. São Paulo: Scipione, 1999. STRUIK, D. J. **História concisa das matemáticas**. Lisboa: Gradiva, 1989.

6.6. FÍSICA

EMENTA: Movimentos: tempo, espaço, massa, leis de conservação (momentum e energia) e movimento oscilatório. Termodinâmica: leis da termodinâmica, entropia e calor. Eletromagnetismo: conceito de carga elétrica, conceito de campo elétrico e magnético, leis de Maxwell, onda eletromagnéticas e Óptica.

Indicações Bibliográficas

ALONSO, M.; FINN, E. J. **Física:** um curso universitário. São Paulo: Edgard Blucher, 1972. CHAVES, A. **Física.** Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso Editores, 2000. v. 4.

DÉGURSE, A. et al. **Phisque:** classe de premiéres. Paris: Hatier, 1988.

GONÇALVES FILHO, A.; TOSCANO, C. **Física para o ensino médio.** São Paulo: Scipione, 2002.

MÁXIMO, A; ALVARENGA, B. **Física.** São Paulo: Scipione, 1997.

ROCHA, J. F. (org.). **Origens e evolução das idéias da física.** Salvador: EDUFBA, 2002. TIPLER, P. **Física para cientistas e engenheiros.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1995. v. 4.

6.7. QUÍMICA

EMENTA: MATÉRIA E SUA NATUREZA: estrutura da matéria. Substância. Misturas. Métodos de separação. Fenômenos físicos e químicos. Estrutura atômica. Distribuição eletrônica. Tabela periódica. Ligações químicas. Funções químicas. Radioatividade. BIOGEOQUÍMICA: soluções: Termoquímica. Cinética química. Equilíbrio químico. QUÍMICA SINTÉTICA: química do carbono. Funções oxigenadas. Polímeros. Funções nitrogenadas. Isomeria.

Indicações Bibliográficas

ATKINS, P. W.; JONES, L. I. **Princípios de química.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

BAIRD, C. **Química ambiental.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. BRANCO, S. M. **Energia e meio ambiente.** São Paulo : Moderna, 1990. CHAGAS, A. P. **Como se faz química.** Campinas: Unicamp, 2001. CHASSOT, A. **A ciência através dos tempos.** São Paulo: Moderna, 1994. CHASSOT, A. **Alfabetização científica. Questões e desafios para a educação.** Ijuí: Unijuí, 2000.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. .A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002. DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas.** São Paulo: Gaia, 2003. DIAS, G. F. **Iniciação à temática ambiental.** São Paulo : Global, 2002.

GOLDFARB, A. M. A. **Da alquimia à química.** São Paulo: Landy, 2001 KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

LEE, J. D. **Química inorgânica não tão concisa.** São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

MACHADO, A. H. **Aula de química: discurso e conhecimento.** Ijuí: Unijuí, 1999.

MALDANER, O. A. **A formação inicial e continuada de professores de química: professor /pesquisador.** Ijuí: Unijuí, 2000.

MATEUS, A. J. **Química na cabeça.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MÓL, G. S.; SANTOS, W.L.P. (org). **Química na sociedade: projeto de ensino de química em um contexto social.** Brasília: Editora UNB, 1998. v. 1 e 2.

MORTIMER, E. F. **Química para o ensino médio.** São Paulo: Scipione, 2002. MORTIMER, E. F. **Linguagem e formação de conceitos no ensino das ciências.**

Belo Horizonte: UFMG, 2000. NETO, B. B.; SCARMINIO, I. S.; BRUNS, R. E. **Como fazer experimentos. Pesquisa e desenvolvimento na ciência e na indústria.** 2. ed. São Paulo: UNICAMP, 2003.

ROMANELLI, L. I.; JUSTI, R. S. **Aprendendo química.** Ijuí: Unijuí, 1997.

RUSSEL, J. B. **Química geral.** São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1981.

SANTOS, W. L. P.; SCHNETZLER, R. P. **Educação em química: compromisso com a**

cidadania. Ijuí: Unijuí, 2000. STENGERS, I. **Invenção das ciências modernas.** São Paulo: 34, 2002. VANIN, J. A. **Alquimistas e químicos: o passado, o presente e o futuro.** São Paulo:

Moderna, 1994.

6.8. BIOLOGIA

EMENTA: A Ciência no decorrer da história da humanidade. Organização dos seres vivos, classificação e distribuição dos seres vivos. Mecanismos biológicos, funcionamento dos sistemas biológicos. Biodiversidade, relações ecológicas, variabilidade genética, origem e evolução dos seres vivos.

Implicações dos avanços biológicos no fenômeno vida. Pesquisa científica, avanços científicos e tecnológicos, ciência e transformações sociais, bioética. Educação ambiental e desenvolvimento humano, social, político e econômico. Saúde pública e escolar. Orientação sexual, embriologia, formação humana, medidas preventivas.

Indicações Bibliográficas

BIZZO, N. **Ciência: fácil ou difícil ?** São Paulo: Ática, 2002. DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003. DIAS, G. F. **Iniciação à temática ambiental**. 2. ed. São Paulo: Gaia, 2002. KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: USP, 1987. SANTOS, M. A. **Biologia educacional**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002. SCLIAR, M. et al. **Saúde pública: histórias, políticas e revoltas**. São Paulo: Scipione.

2002.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, drogas**. São Paulo: FTD, 1998. TELAROLLI JR, R. **Epidemias no Brasil: uma abordagem biológica e social**. São Paulo: Moderna, 1995

6.9.HISTÓRIA

EMENTA: Ações e relações humanas como objeto de estudo da história. Categorias de análise: espaço e tempo como contextualizadoras do objeto de estudo. A construção histórica das comunidades e sociedades e seus processos de trabalho no espaço e no tempo. A configuração das relações de poder nos espaços sociais no tempo. As experiências culturais dos sujeitos ao longo do tempo e as permanências e mudanças nas diversas tradições e costumes sociais. A história e cultura afro-brasileira e história do Paraná. Análise de fontes e historicidade.

Indicações Bibliográficas

DAVIS, N. Z. **Nas margens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. DAVIS, N. Z. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. DUBY, G. **O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214**. São Paulo: Paz e Terra, 1993. DUBY, G. **Guerreiros e camponeses**. São Paulo: Paz e Terra, 1993. DUBY, G. **Guilherme, o Marechal**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

FERRO, M. **Cinema e história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOSBAWN, E. J. **A era das revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. HOSBAWN,

E. J. **A era do capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. HOSBAWN, E. J. **A era dos**

impérios. São Paulo: Paz e Terra, 2001. HOSBAWN, E. J. **A era dos extremos**. São

Paulo: Companhia das Letras, 2000. HOLLANDA, S. B. de. **As raízes do Brasil**. São

Paulo: Companhia das Letras, 2000. HOLLANDA, S. B. **Caminhos e fronteiras**. São

Paulo: Companhia das Letras, 2000. HOLLANDA, S. B. **Visões do paraíso**. São Paulo:

Companhia das Letras, 2000. LE GOFF, J. **Tempo e memória**. São Paulo: Companhia

das Letras, 2000. LE GOFF, J. **Para um novo conceito de idade média**. São Paulo:

Paz e Terra, 1993. LE GOFF, J. **São Luís: uma biografia**. São Paulo: Companhia das

Letras, 2000. SKIDMORE, T. **Brasil: de Castello a Tancredo (1964-1985)**.

São Paulo: Paz e Terra, 2000. SKIDMORE, T. **Brasil: de Getúlio a Castello**

(1930-1964). São Paulo: Paz e Terra,

2000. THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

v.3. THOMPSON, E. P. **As culturas do povo**. São Paulo: Companhia das

Letras, 2001. THOMPSON, E. P. **Senhores e caçadores**. São Paulo: Paz e

Terra, 1998.

6.10. EDUCAÇÃO FÍSICA

EMENTA: Aspectos históricos da disciplina de Educação Física. Elementos lúdicos da Cultura Corporal (jogos, dança, luta, esporte, ginástica) levando em consideração a “práxis” pedagógica. Reflexões críticas da educação psicomotora.

Indicações Bibliográficas

ARNAIZ, S. P.; COLS. A. **Psicomotricidade na escola: uma prática preventiva e educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v.19, n. 48, ago. 1999.

BRUHNS, H. T. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Revista Motrivivência**, Ijuí: Unijuí, v. 8. n. 9, dez. 1996.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

ESCOBAR, M. O. Cultura corporal na escola: tarefas da educação física. **Revista Motrivivência**, Ijuí, n. 8, p. 91-100, 1995.

FALCÃO, J. L. C. C. In: KUNZ, E. **Didática da educação física 1**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2004.

FREIRE, J. B. **Educação física de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1999.

HUIZINGA, J. H. L. **O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

KUNZ, E. **Didática da educação física**. Ijuí: Unijuí, 2003. v. 2.

KUNZ, E. **Transformação didático: pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2003.

LE BOULCH, J. **Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

OLIVIERA, S. A. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados/Chancela CBCE, 2001.

6.11. SOCIOLOGIA

EMENTA: **Conteúdo estruturante:** O surgimento da Sociologia e teorias sociológicas. **Conteúdos específicos:** Modernidade (Renascimento; Reforma Protestante; Iluminismo; Revolução Francesa e Revolução Industrial). Desenvolvimento das ciências. Senso comum e conhecimento científico. Teóricos da Sociologia: Comte, Durkheim, Weber, Engels e Marx. Produção Sociológica Brasileira.

Conteúdo estruturante: O processo de socialização e as instituições sociais.

Conteúdos específicos: Instituições familiares. Instituições escolares. Instituições religiosas. Instituições políticas, dentre outras.

Conteúdo estruturante: Cultura e Indústria Cultural. **Conteúdos específicos:** Conceitos antropológicos de cultura. Diversidade cultural. Relativismo. Etnocentrismo. Identidade. Escola de Frankfurt. Cultura de massa – cultura erudita e cultura popular. Sociedade de Consumo. Questões de gênero e minorias. Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Conteúdo estruturante: Trabalho, produção e classes sociais. **Conteúdos específicos:** Salário e lucro. Desemprego, desemprego conjuntural e desemprego estrutural. Subemprego e informalidade. Terceirização. Voluntariado e cooperativismo. Empreendedorismo. Agronegócios. Empregabilidade e produtividade. Capital humano. Reforma trabalhista e organização internacional do trabalho. Economia solidária. Flexibilização. Neoliberalismo. Reforma agrária. Reforma sindical. Toyotismo, Fordismo. Estatização e privatização. Parcerias público-privadas. Relações de mercado, entre outros.

Conteúdo estruturante: Poder, política e ideologia. **Conteúdos específicos:** Conceito de Estado. Estado Moderno. Tipos de Estados. Conceito de poder. Conceito de dominação. Conceito de política. Conceito de ideologia e alienação.

Conteúdo estruturante: Direitos, cidadania e movimentos sociais. **Conteúdos específicos:** Conceito moderno de direito. Conceito de movimento social. Cidadania. Movimentos sociais urbanos. Movimentos sociais rurais. Movimentos sociais conservadores.

Indicações bibliográficas

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ANTUNES, R. (Org.) **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

AZEVEDO, F. **Princípios de Sociologia**: pequena introdução ao estudo da sociologia geral. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

BOBBIO, N. **Estado, governo, sociedade**: por uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. São Paulo: Francisco Alves, 1975.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. COELHO, T. **O que é indústria cultural**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. COMTE, A. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1978. DURKHEIM, E. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1978. ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1978.

FLORESTAN, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978, V. 1 e 2. _____. A educação numa sociedade tribal. In: PEREIRA, L.; FORACHI, M(Org.)

Educação e sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional, 1976. GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. GOHN, M. G. (Org.) **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1996. _____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. MORGAN, L. **A sociedade primitiva**. Portugal/Brasil: Ed. Presença/Livraria Martins

Fontes, 1980.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira & identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Sociologia**. Curitiba, 2006. WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 2000.

_____. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.

6.12 FILOSOFIA

EMENTA: A Diretriz Curricular de Filosofia do Estado do Paraná (DCE - PR) organiza seu ensino a partir de seis conteúdos estruturantes, conhecimentos de maior amplitude e relevância que, desmembrados em um plano de Ensino de Filosofia, deverão garantir conteúdos relevantes e significativos ao estudante. Estes conteúdos estruturantes são: Mito e Filosofia; Teoria do Conhecimento; Ética; Filosofia Política; Estética; Filosofia da Ciência.

Conteúdos estruturantes

Mito e Filosofia

Autores sugeridos: Jean-Pierre Vernant; Mircea Eliade; Moses Finley; Vidal Naquet.

Proposta de conteúdos específicos

- O que é mito?;
- Funções do mito;
 - Mitologia Grega;
 - Passagem do mito à Filosofia;
 - O Surgimento da Filosofia;
 - O que é Filosofia?;
 - Ironia e maiêutica;
 - Características do conhecimento filosófico;
 - Mitos Contemporâneos.

Teoria do Conhecimento

Entre os clássicos que trataram do problema do conhecimento podemos citar: Aristóteles; Descartes, Hegel; Hume; Kant; Platão; Russell.

Proposta de conteúdos específicos

- O problema do conhecimento;
- Fundamentos do conhecimento;
- Filosofia e método;
- Racionalismo;
- Empirismo;
- Ceticismo;
- Criticismo;
- Materialismo;
- Positivismo;
- Crise da razão;
- Perspectivas do conhecimento na contemporaneidade;

Ética

Alguns filósofos: Adorno; Aristóteles; Kierkegaard; Nietzsche; Scheler; Schopenhauer; Sêneca.

Proposta de conteúdos específicos

- Ética e moral;
- Concepções éticas;
- O que é liberdade?;
- Liberdade e autonomia;
- Liberdade e determinismo;
- Sociabilidade e reconhecimento;
- Autoridade e autoritarismo;
- Responsabilidade e liberdade;
- Questões de gênero;
- Diversidade e sociedade;

Filosofia Política

Alguns pensadores clássicos: Aristóteles; Arendt; Gramsci; Hegel; Hobbes; J. S. Mill; Kant; Locke; Maquiavel; Marcuse; Marx; Montesquieu; Platão; Rousseau; Voltaire.

Proposta de conteúdos específicos

- Origens da política;
- A essência da política;
- Política e poder;
- Política e violência;
- Política e liberdade subjetiva;
- Política e sociabilidade;
- Formas de governo;
- Liberdade política;
- Crises na política contemporânea;
- A função do político na contemporaneidade;

Filosofia da Ciência

Filósofos sugeridos: Bachelard; Feyerabend; Foucault; Granger; Habermas; Kuhn; Popper; Ricouer;

Proposta de conteúdos específicos

- Senso comum e ciência;
- Concepções de ciência;
- Progresso e ciência;
- Positivismo científico;
- Política e ciência;
- Ética e ciência;
- Bioética;
- Saber científico e saber filosófico;
- O Método científico;
- Ciência empírica e ciência experimental;

Estética

Alguns filósofos: Baumgarten; Hegel; Hume; Dufrenne; Bachelard; Schiller; Eagleton; Kant; Benjamin; Adorno; Rancière; Merleau-Ponty; Husserl; Paul Valéry.

Proposta de conteúdos específicos

- Pensar a beleza;
- Estética ou Filosofia da Arte?;
- Concepções de estética;
- Concepções de Arte;
- Arte como conhecimento;
- Necessidade ou finalidade da Arte;
- Arte e Política;
- Crítica do gosto;
- Arte e movimento: cinema, teatro e dança;
- Perspectivas contemporâneas: Arte conceitual e outras perspectivas.

Indicações Bibliográficas

APPEL, E. Filosofia nos vestibulares e no ensino médio. **Cadernos PET-Filosofia 2**. Curitiba, 1999.

ASPIS, R. O professor de Filosofia: o ensino da Filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica. **CEDES**. Campinas. n. 64, 2004.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. Ensaios sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORNHEIM, G. O sujeito e a norma. In. NOVAES, A. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BRASIL. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. **Orientações curriculares do ensino médio**. [S.n.t.].

BRASÍLIA. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília: MEC/SEB, 2004.

CHAUI, M. O retorno do teológico-político. In: CARDOSO, S. (org.). **Retorno ao republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

CORBISIER, R. **Introdução à filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, v.1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. 288

p. (Coleção Trans). FERRATER MORA. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001 GALLINA, S. O ensino de Filosofia e a criação de conceitos. **CEDES**. Campinas, n. 64,

2004.

GALLO, S.; KOHAN, W. O. (orgs). **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000. HORN, G.B. **Por uma mediação praxiológica do saber filosófico no ensino**

médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense. Tese (Doutorado, FEUSP). São Paulo, 2002. LANGON M. Filosofia do ensino de filosofia. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON,

M. (Org.) **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEOPOLDO E SILVA, F. Por que a Filosofia no segundo grau. **Revista estudos avançados**, v.6, n. 14, 1992. KOHAN; WAKSMAN. Perspectivas atuais do ensino de filosofia no Brasil. In: FÁVERO,

A; Kohan, W.O.; RAUBER, J.J. **Um olhar sobre o ensino de filosofia**. Ijuí: Ed. da UNUJUÍ, 2002. PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Proposta curricular para o ensino de filosofia no 2.º grau**. Curitiba, 1994.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. Estética e política. São Paulo: Ed. 34, 2005.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: patrística e escolástica. São Paulo: Paulus, 2003. RIBEIRO, R.J. **Último vôo da andorinha solitária**. Estado de São Paulo, 06 mar.

2005. RUSSELL, B. **Os problemas da filosofia**. Coimbra: Almedina, 2001.

SEVERINO. A J. In: GALLO; S., DANELON; M., CORNELLI, G., (Orgs.). **Ensino de filosofia**: teoria e prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. WOLFF. F. A invenção da política, In: NOVAES. A. (Org.) **A crise do estado nação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

7. EMENTAS DAS DISCIPLINAS DA FORMAÇÃO ESPECÍFICA

7.1. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO

EMENTA: Conceitos de história e historiografia. História da Educação: recorte e metodologia. Educação Clássica: Grécia e Roma. Educação Medieval. Renascimento e Educação Humanista. Aspectos Educacionais da Reforma e da Contra-Reforma. Educação Brasileira no Período Colonial e Imperial: pedagogia “tradicional”. Primeira República e Educação no Brasil (1889-1930): transição da pedagogia tradicional à pedagogia “nova”. Educação no período de 1930 a 1982: liberalismo econômico, escolanovismo e tecnicismo. Pedagogias não-liberais no Brasil: características e expoentes. Educação Brasileira contemporânea: tendências neoliberais, pós-modernas versus materialismo histórico.

Indicações bibliográficas:

ARANHA, M. L. de A. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BARROS, J. D. B. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004. BUFFA, E. Contribuição da história para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**, Brasília, v. 9, n. 47, p. 13-19, jul./set. 1990. CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. FALCON, F. J. C. **Iluminismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994. FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986. GHIRALDELLI, J. P. **O que é pedagogia**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. GHIRALDELLI, J. P. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990. GHIRALDELLI, J. P. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987. HAUBERT, M. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo: Companhia das Letras/ Círculo do Livro, 1990. LARROYO, F. **História geral da pedagogia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982. LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1992. LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

PAIVA, J. M. de. **Colonização e catequese: 1549-1600**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1982.

PAULO, N. J. Relendo a teoria marxista da história. In: SAVIANI, D. et al (org.) **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Autores Associados, 1998.

PONCE, A. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1981.

RIBEIRO, M. L. S. **Introdução à história da educação brasileira**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SAVIANI, D. et al (org.) **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. rev. ampl. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, T. T. da (org.). **Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

XAVIER, M. E. S. P.; RIBEIRO, M. L. S.; NORONHA, M. O. **História da educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

7.2. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

EMENTA: Pensar filosoficamente (criticamente) o ser social, a produção do conhecimento e a educação fundados no princípio histórico – social. Introdução à Filosofia da Educação norteada pela reflexão com base nas categorias de totalidade, historicidade e dialética. Principais pensadores da Filosofia da Educação moderna e contemporânea:

- Locke (1632 – 1704) e o papel da experiência na produção do conhecimento.
- Comenius (1592 – 1670) e Hebart (1776 – 1841): a expressão pedagógica de uma visão essencialista do homem.
- Rousseau(1712 – 1831): oposição à pedagogia da essência.
- Dewey(1859-1952): o pragmatismo.
- Marx e Gramsci: a concepção histórico – crítica da educação.

Sugestões de conteúdos:

- O problema socrático (maiêutica, ironia, o diálogo, o problema da filosofia, o embate com os sofistas);
- A educação e a cidade (e a comunidade);
- O problema do conhecimento. República de Platão – a “alegoria da caverna”;
- A representação do Estado (guardiões, guerreiros, trabalhadores);
- O sentido da *paideia*;
- A razão educativa – natureza, dimensão epistemológica (relação entre o filósofo e a cidade);
- Educação como pensamento do tempo;
- Aristóteles – pedagogia política aplicada tanto a criança quanto ao adulto;
- Cidade e a construção da ética e da virtude (pública e privada), relacionadas à educação;
- Os humanistas e a educação;
- A educação da razão pela razão (Descartes);
- O conhecimento como ousadia – Kant e os inimigos da razão;
- Educação e cidadania Rousseau (Emílio);
- A descoberta da infância e a formação do cidadão republicano;
 - A tensão da relação educativa entre liberdade e autoridade;
 - Ciência, saber humano e ação – o positivismo e as idéias socialistas;
 - Os socialistas utópicos e a educação – modificação antropológica, educação, sociedade, educação e política;
 - O século das crianças, das mulheres, das massas e da técnica – transformações educativas no Brasil do séc. XX;
 - Influência de John Dewey – análise do Manifesto dos Pioneiros: concepção filosófico-educacional a sua importância;
 - Fanatismo, intolerância, ignorância, autoridade da razão, tradição;
 - As correntes filosóficas educacionais da educação brasileira;
 - Educação, ciência e tecnologia;
 - Relações entre educação, trabalho e desemprego estrutural;
 - A dimensão política da educação no século XXI;
 - O professor como pesquisador e intelectual.

Indicações Bibliográficas

ALVES, G. L. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

CERIZARA, B. **Rousseau a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. O discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997. CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Editora Cortez, 1993. GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KLEIN, L. R. **Proposta político-pedagógica para o ensino fundamental**. Campo

Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2000. KLEIN, L. R., CAVAZOTTI, M. A. Considerações sobre elementos teórico-metodológicos, a propósito de uma proposta de currículo básico. **Cadernos Pedagógicos e Culturais**, Niterói, v.1, n.1, set./dez. 1992.

KONDER, L. **Filosofia e educação**. De Sócrates a Habermas. São Paulo: Editora Forma e Ação, 2006. LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LOCONTE, W. **John Dewey**. São Paulo: Editor Ícone, 2000.

LURIA, A. R. O problema da linguagem e da consciência. In: **Pensamento e linguagem**. VIGOTSKI, L. S. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério

2º grau. Série formação do professor.

LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia**: aprendendo a pensar. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. MANACORDA, M. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991. MANACORDA, M. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1989. MAO, T. **Sobre a prática e sobre a contradição**. São Paulo: Expressão Popular,

1999. MATOS, O. **Discretas esperanças**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.

MARCONDES, D. **Café philo**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1998. MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996. MARX, K. **Para a crítica da economia política (1857)**. São Paulo: Abril Cultural,

1996. MEZSAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Ed.

2005. MORANDI, F. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora EDUSC, 2002.

- NETO, V. A. **Foucault e a educação**. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2003.
- RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**. Cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. REBOUL, O. **Filosofia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional,
1985. ROUSSEAU. J-J. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SEVERINO, A. J. **Filosofia da educação**. Construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994. SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SUCHODOLSKI, B. A. **Pedagogia e as grandes correntes filosóficas**. Lisboa: Livros Horizontes, 1984. SUCHODOLSKI, B. A. **Escola e democracia**. 36. ed. Campinas: Autores Associados,
2003. VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Leitura dos clássicos recomendada

Aristóteles: *Política* Bacon: *Novo Organon* Brecht: Galileu, Galilei Comenius: *Didática Magna* Engels: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* Marx: *Manifesto do partido comunista* Pico de la Mirandola: *Discurso sobre a dignidade do homem* Rousseau: *Ensaio sobre a origem da desigualdade* Thomas Morus: *A utopia* Voltaire: *Cândido*

7.3. FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

EMENTA: Conteúdo: O que é educação e o que é sociologia? A Educação como um fenômeno que é estudado pelas ciências sociais, especialmente pela sociologia.

Os diferentes olhares sobre a educação. Educação em diferentes formações sociais. Educação na teoria de Durkeim. Educação na teoria de Karl Marx. Educação na teoria de Weber. Educação na teoria de Gramsci. Educação na teoria de Florestan Fernandes. Educação e a industrialização. Relação entre saber e poder. Educação dentro e fora da escola. Teorias sobre a educação escolar e a desigualdade social. Bordieu: educação e reprodução cultural. Escola no Brasil. A educação como fato social, com as características de coerção, exterioridade e generalidade. Indivíduo e consciência coletiva. A Educação em diferentes formações sociais. Gênero e a educação. Desigualdades de acesso à educação. Educação escolar e exclusão social. Educação como fator essencial e constitutivo do equilíbrio da sociedade. A educação como técnica de planejamento e desenvolvimento da democracia. Crítica a essa visão teórica.

Indicações Bibliográficas - Sociologia da Educação

AZEVEDO, F. **Princípios de Sociologia**: pequena introdução ao estudo da sociologia geral. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. São Paulo: Francisco Alves, 1975.

COSTA, C. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.

DURKHEIM, E. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1978.

FLORESTAN, F. A educação numa sociedade tribal. In: PEREIRA, L.;FORACHI, M (ORG) **Educação e sociedade**: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Nacional, 1976.

FORQUIN, J. C.(org.) **Sociologia da educação**: dez anos de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIDDENS, A . **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed,2005. GRAMSCI, A.

Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

ILLICH, I. **Educação sem escola**. Lisboa: Teorema, 1974. KRUPPA, S. M. P.

Sociologia da Educação. São Paulo: Cortez, 1993. MARCONDES, C. **O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia**. São Paulo:

Global, 1985. MARTINS, C. B. **O que é sociologia**. 7. ed. São Paulo:

Brasiliense, 1984. MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARX, K. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MEKSENAS, P. **Sociologia da educação**: uma Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. São Paulo: Loyola, 1988. MEKSENAS, P.

Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer a vida. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

MEKSENAS, P. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. RODRIGUES, A. T.

Sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes**

Curriculares da Rede pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Sociologia. Curitiba, 2006. TOMAZI, N. D. **Sociologia da educação**. São Paulo: Atual, 1997.

VIEIRA, E. **Sociologia da educação**: reproduzir e transformar. São Paulo: FTD, 1994.

WEBER, M. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 2000.

WEBER, M. **Ciência e Política**: duas vocações. São Paulo: Martin

Claret, 2002. WEBER, M. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1979.

Indicações Bibliográficas - Sociologia Geral

OLIVEIRA, P. S. de. **Introdução a sociologia**. 23. ed. São Paulo: Ática, 2000.

QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos**: Durkheim, Marx, Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SEVERINO, A J. **Métodos de estudo para o 2.º Grau**. Campinas: Papirus, 1989.

TOMAZI, N. D. (org.). **Iniciação à sociologia**. São Paulo: Atual, 1993.

7.4. FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

EMENTA: Introdução ao estudo da Psicologia; Introdução à Psicologia da educação; Principais teorias psicológicas que influenciaram e influenciam a psicologia contemporânea: Skinner e a psicologia comportamental; Psicanálise e educação. O sócioconstrutivismo: Piaget, Vygotsky, Wallon. Psicologia do desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento da criança e do adolescente. Desenvolvimento humano e sua relação com aprendizagem. A linguagem, os aspectos sociais, culturais e afetivos da criança e a cognição.

Indicações Bibliográficas

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BOCK, A. M. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1998.

BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

DOLLE, J. M. **Para compreender Jean Piaget**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LANE, S. et al. **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MACIEL, I. M. et al. **Psicologia e educação: novos caminhos para a formação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

SYLVA, K.; LUNT, I. **Iniciação ao desenvolvimento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

TANAMACHI, E.; ROCHA, M. et al. **Psicologia e educação: desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

7.5. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

EMENTA: Contexto sócio-político e econômico em que emerge e se processa a EI e seus aspectos constitutivos (sócio-demográficos, econômicos e culturais). Concepções de infância: contribuições das diferentes ciências -Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia. Infância e família. Infância e sociedade. Infância e cultura. História do atendimento à criança brasileira: políticas assistenciais e educacionais para a criança de zero a seis anos. A política de educação pré-escolar no Brasil. Perspectiva histórica do profissional de EI no Brasil. As crianças e suas famílias: diversidade. Políticas atuais: legislação e financiamento.

Indicações Bibliográficas

AFONSO, L. Gênero e processo de socialização em creches comunitárias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, p. 3-87, maio 1995.

ARCE, A. **A pedagogia na "era das revoluções"**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4.

BOMENY, H. **Os intelectuais da educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22**, de 17 de dezembro de 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº1**, de 29 de janeiro de 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1**, de 7 de abril de 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 2**, de 19 de abril de 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 4**, de 16 de fevereiro de 2000.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº8069, de 13 de julho de 1990, São Paulo: Cortez, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil: situação atual**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Por uma política de formação do profissional de educação infantil**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil.

Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação**

infantil. Brasília, MEC/SEF/ DPE/COEDI, 1998. 3. v

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil.

Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2

CAMPOS, M. M. A formação de professores para crianças de 0 a 10 anos: modelos em debate. **Educação & Sociedade**, Campinas: n. 68, dez, 1999.

CAMPOS, M. M. Educação infantil: o debate e a pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 101, p. 113-127, jul. 1997.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. **A constituição de 1988 e a educação de crianças pequenas.** São Paulo: FDE, 1989.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F.; FERREIRA, I. **Creches e pré-escolas no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1992.

CASTRO, J. A. de. Financiamento da educação no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez, 2001.

CATANI, D. B. Estudos de história da profissão docente. In: LOPES, E. M.; FARIA F. L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CHAMBOREDOM, J. C.; PREVOT, J. O "ofício de criança": definição social da primeira infância e funções diferenciais da escola maternal. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 59, p. 32-56, nov. 1986.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Debate**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CURY, C. R. J. A educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p.169-2001, set. 2002.

FREITAS, M. C. (org.). **História social da infância no Brasil.** São Paulo: Cortez/USF-IFAN, 1997.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Censo Demográfico - 2000: resultados da amostra. Brasília, 2000.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Pesquisa sobre padrões de vida: primeira infância (1996-1997). Rio de Janeiro, 2000

GARCIA, R. L.; LEITE F. **Em defesa da educação infantil.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GUIMARÃES, J. L.; PINTO, J. M. R. A demanda por educação infantil e os recursos disponíveis para o seu financiamento. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 74, dez. 2001.

JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. **Educação ou tutela? A criança de 0 a 6 anos.** São Paulo: Loyola, 1991.

KRAMER, S. **A democratização da escola pública.** São Paulo: Loyola, 1989.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

KUHLMANN J. M. Educando a infância brasileira. In: LOPES; FARIA F. VEIGA (org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KUHLMANN J. M. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 14, maio/ago. 2000.

KUHLMANN J. M. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LOPES, E. M.; GALVÃO, A. M. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCÍLIO, L. M. A lenta construção dos direitos da criança brasileira: século XX. **Revista USP**, São Paulo, n. 37, p. 46-57, mar./maio, 1998.

MÉNDEZ, E. G. **Infância e cidadania na América Latina**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MONARCHA, C. (org.) **Educação da infância brasileira**: 1875-1983. Campinas: Autores Associados, 2001.

MORO, C. S. **Infância e educação infantil pública**: concepções maternas. Curitiba: UFPR, 2002. Dissertação (Mestrado).

OLIVEIRA, C. Gestão da educação: União, Estado/Distrito Federal, Município e escola. In: MACHADO, L. M.; FERREIRA, N. S. C. **Política e gestão da educação**: dois olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PETITAT, A. **Produção da escola/produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PRIORE, M. D. (org.) **Histórias das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROSEMBERG, F. A educação pré-escolar brasileira nos governos militares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 82, p. 21-30, ago. 1992.

SACRISTÁN, J. G. **A educação obrigatória**: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

VIEIRA, L. M. F. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 67, p. 3-16, 1988.

VILELA, H. O mestre - escola e a professora. In: LOPES, E. M.; FARIA F, L. M.; VEIGA, C. G. (org.) **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica,

2000.

7.6. TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

EMENTA: Os processos de desenvolvimento, aprendizagem e desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos - afetividade, corporeidade, sexualidade. Concepção de desenvolvimento humano como processo recíproco e conjunto: o papel das interações (adulto/criança e criança/criança). Articulação cuidado/educação. Concepções de tempo e espaço nas instituições de EI. O jogo, o brinquedo e a brincadeira na EI. Linguagem, interações e constituição da subjetividade da criança. Relações entre família e instituição de EI. A educação inclusiva na EI. Especificidades em relação à organização e gestão do processo educativo: o trabalho pedagógico na EI: concepção de educação, planejamento, organização curricular, gestão, avaliação. Relações entre público e privado. Gestão democrática, autonomia, descentralização. Políticas públicas e financiamento da EI e suas implicações para organização do trabalho pedagógico. Propostas pedagógicas para a EI. Legislação, demais documentos normativos e documentos de apoio, de âmbito federal (MEC e CNE), estadual (SEED e CEE) e local (sistemas municipais), para a organização do trabalho na EI: contexto de elaboração, interpretações e implicações para as instituições.

Indicações Bibliográficas

ALMEIDA, A. M.; RUBIANO, M. R. B. Vínculo e compartilhamento na brincadeira de crianças. In: ROSSETTI, F. M. C. et al. **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: ArtMed, p. 171-188, 2003.

ALVES, N.; GARCIA, R. (org.) **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 22, de 17 de dezembro de 1998**. Brasília, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 1, de 29 de janeiro de 1999**. Brasília, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 2, de 19 de abril de 1999**. Brasília, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CEB nº 4, de 16 de fevereiro de 2000**. Brasília, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação infantil no Brasil: situação atual**. Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil: um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise.** Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1/3

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil.** Brasília, MEC/SEF/DPE/COEDI, 1998. v. 1 e 2.

BENJAMIN, W. **A criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 1984.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOMTEMPO, E. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos.** São Paulo: EDUSP, 1986.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos.** Uma abordagem reflexiva. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

BRASLAVSKY, C. **Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade.** Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 1995.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BROUGÈRE, G. **Brinquedos e companhia.** São Paulo: Cortez, 2004.

CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M.; SALLES, F. **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CASTRO, M. F. **Aprendendo a argumentar: um momento na construção da linguagem.** Campinas: UNICAMP, 1992.

CAVALCANTI, Z. (coord.). **Trabalhando com história e ciência na pré-escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

CAVALCANTI, Z. **Alfabetizando.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- CIPOLLONE, L. Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 25-39, set./dez. 2003.
- CIVILETTI, M. V. P. O Cuidado das crianças pequenas no Brasil escravista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 31-40, 1991.
- CRAIDY, C.; KAERCHER, G. (org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CUNHA, J. A. **Filosofia na educação infantil**. Campinas: Alínea, 2002.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DEHEINZELIN, M. **A fome com a vontade de comer. Uma proposta curricular de educação infantil**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo: Manole, 1990.
- DIAS, J.; BHERING, E. A Interação adulto/crianças: foco central do planejamento na educação infantil. **Revista Contrapontos**. Itajaí: v. 4. n. 1, p. 91-104. jan./abr. 2004.
- EDWARDS, C. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: ArteMed, 1999.
- ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FARIA, A. L. G. de; PALHARES, M. S. (org.) **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados/FE/UNICAMP; Florianópolis: UFSC; São Carlos: UFSCar, 1999.
- FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B.; PRATO, P. D. (org.) **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. Campinas, São Paulo: Cortez, 1999.
- FERNANDES, R. S. **Entre nós, o sol: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.
- FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 p.89-101, set/dez.2003.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.
- FREIRE, M. et al. **Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

FREIRE, M. et al. **Observação registro e reflexão:** instrumentos metodológicos. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. FREIRE, M. **A paixão de conhecer o mundo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, G. G. **A consciência corporal e a corporeidade.** Ijuí: Unijui, 1999.

FRIEDMANN, A. **Brincar, crescer e aprender. O resgate do jogo infantil.** São Paulo: Moderna, 1996.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Professor da pré-escola.** 4. ed. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI, 1995. v. 2. GALVÃO, I. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.) **Bambini:** a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. GOES, M. C.; SMOLKA, A. L. (org.) **A significação nos espaços educacionais:** interação social e subjetivação. Campinas: Papyrus, 1997.

HELD, J. **O imaginário no poder:** as crianças e a literatura fantástica. São Paulo:

Summus, 1980. HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola:** um olhar reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

HOFFMANN, J.; SILVA, M. B. da. **Ação educativa na creche.** Porto Alegre: Mediação,

1995. HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre, ArtMed, 2003.

KAMII, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil.** São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998. KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis:** o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1993.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância:** desafios da pesquisa. Campinas: Papyrus, 1996.

KRAMER, S. (coord.). **Com a pré-escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a educação infantil.** São Paulo: Ática, 1989. KRAMER, S. **Propostas pedagógicas e curriculares:** subsídios para uma leitura crítica.

Educação e Sociedade, Porto Alegre, v. 18, n. 60, dez.1997. LARROYO, F.

História geral da pedagogia. São Paulo: Mestre Jou, s.d. LIMA, E. S.

Desenvolvimento e aprendizagem na escola: aspectos culturais,

neurológicos e psicológicos. São Paulo: GEDH, 1997.

- LOURO, G. (org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MERISSE, A. et al. **Lugares da infância:** reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.
- MONTENEGRO, T. **O cuidado e a formação moral na educação infantil.** São Paulo: EDUC, 2001.
- MORATO, E. M. **Linguagem e cognição:** as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina:** o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.
- MOURA, M. M. D. de et al. **Manual de saúde para a creche.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.
- MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- OLIVEIRA, P. S. **Brinquedos e indústria cultural.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- OLIVEIRA, Z. de M. R (org.). **Educação infantil:** muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1994.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. (org.). **A criança e seu desenvolvimento.** São Paulo: Cortez, 1995.
- OLIVEIRA, Z. de M. R. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, de M. R.; ROSSETTI, F. M. C. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 87, p.62-70, 1993.
- OSTETTO, L. E. (org.) **Encontros e encantamentos na educação infantil.** Campinas: Papyrus, 2000.
- PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 03, de 03 de março de 1999.** Curitiba, 1999
- PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. Câmara do Ensino Fundamental. **Deliberação CEE nº 02, de 06 de junho de 2005.** Curitiba, 2005.
- RABBITI, G. **A procura da dimensão perdida.** Porto Alegre: ArtMed, 1999.
- REGO, L. B. Descobrir a língua escrita antes de aprender a ler: algumas implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 66, n.156, jan./abr. 1985.

ROCHA, E. C. A educação da criança: antigos dilemas, novas relações. **Revista Pátio**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RODULFO, R. **O brincar e o significativo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; VITORIA, T. Processos de adaptação de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, p. 55-64, 1986.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 1998. SARMENTO, M. J.; BANDEIRA, A. A.; DORIS, R. Trabalho e lazer no cotidiano das crianças exploradas. IN. GARCIA, Regina Leite (org.) **Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, I. de O. **Profissionais da educação infantil: formação e construção de identidades**. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, D. N. H. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.

SILVA, M. A. A. S. S. et al. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVIA, M. C. da S. **A constituição social do desenho da criança**.

Campinas: Mercado de Letras, 2002. SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1992. SOUZA, G. de. Currículo para os pequenos: o espaço em discussão. **Educar**, Curitiba, n. 17, p.79-99, 2001.

SOUZA, R. C. de; BORGES, M. F. S. T. (org.) **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. SPODECK, B ; SARACHO, O. **Ensinando crianças de três a oito anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SURDI, B. M. M. **Corporeidade e aprendizagem: o olhar do professor**. Ijuí: Unijuí, 2001. TEBEROSKY, A. **Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações**

educacionais. [s.n.t]. TIRIBA, L. Pensando mais uma vez e reinventando a relação ~~em~~ entre creche e

família. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. **Em defesa da educação infantil**. São Paulo: DP&A, 2000. TIRIBA, L. Proposta curricular em educação infantil. **Infância na Ciranda da**

Educação, Belo Horizonte, n. 4, p. 09-15, fev. 2000. TONUCCI, F. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. ZABALZA, M.

Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: ArtMed, 1998. ZAN, B.;

DEVRIES, R. **A ética na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

7.7. CONCEPÇÕES NORTEADORAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

EMENTA: Reflexão crítica de questões ético-políticas e educacionais na ação do educador quanto à interação dos alunos com necessidades educacionais especiais. A proposta de inclusão visando à qualidade de aprendizagem e sociabilidade para todos, e principalmente, ao aluno com necessidades educacionais especiais. Conceito, legislação, fundamentos históricos, socio-políticos e éticos. Formas de atendimento da Ed. Especial nos sistemas de ensino. A ação do educador junto a comunidade escolar: inclusão, prevenção das deficiências. As especificidades de atendimento educacional aos alunos com necessidades educacionais especiais e apoio pedagógico especializado nas áreas da educação especial. Avaliação no contexto escolar. Flexibilização curricular, serviços e apoios especializados. Áreas das deficiências: mental, física neuro-motor, visual, da surdez, das condutas típicas, da superdotação e altas habilidades.

Indicações Bibliográficas:

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem:** educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2000.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação:** necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Enquadramento da ação:** necessidades educativas especiais. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NEE: acesso e qualidade - UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO, 1994.

GONZÁLEZ, J. A. T. **Educação e diversidade:** bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GORTÁZAR, O. O professor de apoio na escola regular. In: COLL, C.; PALACIOS, J. MARCHESI. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação:** necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KARAGIANNIS, A.; SAINBACK, W.; STAINBACK, S. **Fundamentos do ensino inclusivo.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KASSAR, M. de C. M. **Ciência e senso comum no cotidiano das classes especiais.** Campinas: Papyrus, 1995.

MARCHESI, A. (org.) **Desenvolvimento psicológico e educação:** necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MAZZOTTA, J. de O. **Fundamentos de educação especial.** São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda, 1997.

NERIS, E. A. O direito de ser diferente. **Mensagem da APAE**, n. 83, p. 4-6, out./dez. 1998.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação. **Deliberação nº 02/03**. Curitiba, 2003.

STAINBACK, S; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

7.8. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO.

EMENTA: Organização do sistema escolar brasileiro: aspectos legais. Níveis e modalidades de ensino. Elementos teórico-metodológicos para análise de políticas públicas: Nacional, Estadual e Municipal. Políticas para a Educação Básica. Análise da política educacional para a Educação Básica -Nacional, Estadual e Municipal. Políticas para a Educação Básica. Análise da política educacional para a Educação Básica -Nacional, Estadual e Municipal. Apresentação e análise das Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação. Apresentação e análise crítica dos Parâmetros Curriculares e temas transversais. Financiamento educacional no Brasil. Fundamentos teórico-metodológicos do trabalho docente na Educação Básica. O trabalho pedagógico como princípio articulador da ação pedagógica. O trabalho pedagógico na Educação Infantil e Anos Iniciais. Os paradigmas educacionais e sua prática pedagógica. Planejamento da ação educativa: concepções de currículo e ensino. O currículo e a organização do trabalho escolar.

Indicações Bibliográficas:

BAQUERO, R. **Vygotski e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

CORAZZA, S. M. Manifesto por uma dialética. **Contexto e Educação**, Ijuí, v. 6, n. 22, p. 83-99, abr./jun. 1991.

CORAZZA, S. M. **Tema gerador**: concepção e práticas. Ijuí: Unijuí, 1992.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DANIELS, H. **Vigotsky e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 1996.

EYNG, A. M. (org.). **Planejamento e gestão educacional numa perspectiva sistêmica**. Curitiba: Champagnat, 2002.

FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. Â. da S (org.). **Gestão da educação**: impasses, perspectivas e compromissos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

- FLESHNER, E. A. Psicologia da aprendizagem e da aplicação de alguns conceitos de física. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY L. S et al. **Psicologia e pedagogia II** : investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos. Lisboa: Estampa, 1977.
- FONTANA, R. A. **Ação**: mediação pedagógica na sala de aula. Campinas: Autores Associados, 1996.
- FONTANA, R. ; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2004.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- LEONTIEV, A. et al. **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. São Paulo: Centauro, 2003.
- LEONTIEV, A. **Inter-relação entre noções novas e noções adquiridas anteriormente**. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A.; VIGOTSKY L. S. et al. **Psicologia e pedagogia II** : investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos. Lisboa: Ed. Estampa, 1977.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- MELLO, G. N. de. **Parecer CEB nº 15/98**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília, 1998.
- MINGUET, P. A. (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2004.
- MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papirus, 1997.
- NATADZE, R. G. A aprendizagem dos conceitos científicos na escola. In: LURIA, A. R.; LEONTIEV A.; VIGOTSKY. L. S. et al. **Psicologia e pedagogia II**: investigações experimentais sobre problemas didáticos específicos. Lisboa: Ed. Estampa, 1977.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. São Paulo: Plexus, 1994. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba: SEED/DEPG, 1992.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. REIG, D.; GRADOLÍ, L. A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L. S. Vygotsky. In: MINGUET, P. A. (org.) **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 32. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1999. SMOLKA, A. L.; GÓES, M. C. R. de. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

SNYDERS, G. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

TEIXEIRA, E. **Vigotski e o pensamento dialético: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-cultural**. Pato Branco: FADEP, 2005.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1993.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2002. VASCONCELLOS, C.; RAMOS, V. M. de; VALSINER, J. **Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. VEIGA, I. P. A. A construção da didática numa perspectiva histórico-crítica de educação - estudo introdutório. In: OLIVERIA, M. R. N. S. (org.). **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1993. VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. VIGOTSKI L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas II**. Madrid: Centro de Publicaciones del MEC/Visor Distribuciones, 1993. VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática**. Campinas: Papyrus, 1989.

7.9. LITERATURA INFANTIL

EMENTA: Contexto histórico da Literatura Infanto Juvenil . A primeira Leitura. Natureza mito poética na infância da humanidade e na infância do homem. Narrativa oral -o mundo simbólico dos contos de fadas. A importância do contador de histórias; Universo da poesia para crianças: Cecília Meireles, Sidónio Muralha e outros. Monteiro Lobato: realidade e imaginário. A formação do conceito de infância no educador: Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e outros. Os clássicos reinventados e o panorama atual na narrativa e na poesia.

Indicações Bibliográficas:

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991. BASARAB, N. **O manifesto da transdisciplinaridade**, São Paulo: Trioon, 1999. CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infanto juvenil**. São Paulo: Ática, 1991. COELHO, N. N. **Literatura infantil, teoria análise didática**. São Paulo: Ática, 1991. KHÉDE, S. S. **Literatura infanto juvenil: um gênero polêmico**. Petrópolis: Vozes, 1986. KIRINUS, G. **Criança e poesia na pedagogia Freinet**. São Paulo: Paulinas, 1998 LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. São Paulo: Ática, 1991. MAFFESOLI, M. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. PHILIPPE, A. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978. PONDÉ, G. **A arte de fazer artes**. Rio de Janeiro: Ed. Nórdica, 1985. RESENDE, V. M. **Literatura infantil e juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora** . São Paulo: Saraiva, 1993. RESENDE, V. M. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1988. RODARI, G. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus Editorial, 1987. ROSELL, J. F . **La literatura infantil: um ofício de centauros y sirenas**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001. ZILBERMAN, R. A. **Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003. ZOTZ, W.; CAGNETI, S. **Livro que te quero livre**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005.

7.10. METODOLOGIA DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E ALFABETIZAÇÃO

EMENTA: A leitura e a escrita como atividades sociais significativas. A atuação do professor de Língua e Alfabetização: pressupostos teórico-práticos. As contribuições das diferentes Ciências (História, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística) na formação do professor de Língua Portuguesa e Alfabetização. Estudo e análise crítica dos diferentes processos de Ensino da Língua Portuguesa, da Alfabetização e do Letramento. Considerações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Alfabetização e Letramento. **Conteúdos Básicos:** linguagem e sociedade; concepção de linguagem, de linguagem escrita, de alfabetização e de letramento; concepção de ensino e de aprendizagem; teorias sobre aquisição do conhecimento e sobre aquisição da leitura e escrita; concepção de variação linguística; conceito de texto, de leitura e de escrita; padrões silábicos da língua; tipologia textual e funções da linguagem; processo de avaliação; história da escrita; análise crítica dos processos de alfabetização; noções básicas e fonética; características do sistema gráfico da língua portuguesa; procedimentos metodológicos; leitura e interpretação; produção e reescrita de textos; análise linguística; atividades de sistematização para o domínio do código; análise crítica dos PCNs e dos RCNEI; análise crítica dos diferentes programas de alfabetização desenvolvidos no Brasil; análise crítica de materiais didáticos de alfabetização e ensino da língua portuguesa; o papel da escola como promotora de alfabetização e letramento; como alfabetizar letrando.

Indicações Bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BASTOS, L. K.; MATTOS, M. A. A de. **A produção escrita e a gramática**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

BETTELHEIM, B.; ZELAN, K. **Psicanálise da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1995.

CHARTIER, A. M. et al. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1997.

COLOMER, T.; AMPS, A. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COOK, G. J. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável? In: COOK, G. J. (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre,

Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRANCHI, E. P. **Pedagogia da alfabetização: da oralidade à escrita**. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

GRAFF, H. J. **Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente na alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

JOLIBERT, J. et al. . **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1994.

KAUFMAN, A. M.; RODRIGUES, M. H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** São Paulo: Cortez, 1996.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

KLEIMAN, A. B. et al. . **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo, Editora Ática, 1994.

MASSINI, C. G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: Unesp.1994.

MOLLICA, M. C. **A influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MORTATTI, M. do R. L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Editora Unesp: Comped, 2000.

OLSON, D. R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita**. São Paulo: Ática., 1997.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

ROJO, R. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

SCLIAR, C. L. **Princípios do sistema alfabético do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2003.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Unicamp, 1988.

SOARES, M. B. **Linguagem e escola**. São Paulo: Ática, 1988. TFOUNI, L. V. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. São Paulo: Pontes Editores, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

7.11. METODOLOGIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA

EMENTA: Concepções de ciência e de conhecimento matemático das Escolas Tradicional, Nova, Tecnicista. Construtivismo e Pedagogia Histórico-Crítica. Pressupostos teórico-metodológicos do ensino e aprendizagem de Matemática e/ou tendências em Educação Matemática. Conceitos matemáticos, linguagem matemática e suas representações. Cálculos e/ou algoritmos. Resolução de problemas. Etnomatemática. Modelagem matemática. Alfabetização tecnológica. História da matemática. Jogos e desafios. Pressupostos teórico-metodológicos da alfabetização matemática.

Indicações Bibliográficas

ALTHUSSER, L. **Sobre a reprodução**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

ALVES, G. A. **A produção da escola pública contemporânea**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado). ALVES, J. **Educação matemática & exclusão social**. Brasília: Plano, 2002. BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004. BARRETO, E. S. de S. (org.) **Os currículos do ensino fundamental para as escolas**

brasileiras. Campinas: Autores Associados/Fundação Getúlio Vargas, 1998. BICUDO, M. A. V. (org.) **Educação matemática**. São Paulo: Moraes, s.d. BICUDO, M. A. V. (org.) **Pesquisa em educação matemática**: concepções e

perspectivas, São Paulo: Unesp, 1999.

BICUDO, M. A. V. **A história da matemática**: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática. São Paulo: UNESP, 1999.

BRANDÃO, C. R. **LDB passo a passo**: lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9394/96), comentada e interpretada artigo por artigo. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRANDÃO, C. R. **LDB passo a passo**: lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9394/96), comentada e interpretada artigo por artigo. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1986. BRITO, M. R. F. de. (org.) **Psicologia da educação matemática**: teoria e pesquisa. Florianópolis: Insular, 2001.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CAMPOS, T. M. M.; NUNES, T. **Tendências atuais do ensino e aprendizagem da matemática**. Brasília: UnB, 1994. CANDAU, V. M. (org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CANDAU, V. M. **A Didática em questão**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

CARAÇA, B. J. **Conceitos fundamentais da matemática**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984. CARVALHO, D. L. de. **Metodologia do ensino da matemática**. 2. ed. São Paulo:

Cortez, 1994.

CHEVALLARD, Y. **Estudar matemáticas: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2001. COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. CONDORCET, M. J. N. C. **Matemáticas y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

D'AMBROSIO, U. **A história da matemática: questões historiográficas e políticas e reflexos na educação matemática**. São Paulo: UNESP, 1999. D'AMBROSIO, U. **A era da consciência**. São Paulo: Peirópolis, 1997. D'AMBROSIO, U. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática**.

Campinas: Summus, 1986.

D'AMBRÓSIO, U. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 1996. D'AMBROSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas: Papirus, 1999.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. D'AMBROSIO, U. **História da matemática e educação. Caderno CEDES**, Campinas,

n. 40, p. 7-17, 1996. DAVIS, P. J.; HERSH, R. **A experiência matemática**. Rio de Janeiro: Alves, 1989. DUARTE, N. (org.). **Sobre o construtivismo, construtivismo piagetiano: considere**

rações críticas à concepção de sujeito e objeto. Campinas: Autores Associados, 2000.

DUARTE, N. **A individualidade para - si: contribuições a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas: Autores Associados, 1999. DUARTE, N. **Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações neoliberais**

e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas: Autores Associados, s.d.

FIORENTINI, D. **Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação.** Campinas, 1994. Universidade Estadual de Campinas. Tese (Doutorado).

FIORENTINI, D.; MIORIN, M. A. **Por trás da porta, que matemática acontece?** Campinas: Unicamp, 2001.

FRANCHI, A. **Considerações sobre a teoria dos campos conceituais. Educação matemática: uma introdução.** São Paulo: EDUC, 1999.

GENTILI, P. (org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIARDINETTO, J. R. B. **Matemática escolar e matemática da vida cotidiana.** Campinas: Autores Associados, 1999. GOLDDDFARB, A. M. A. **História da ciência.**

São Paulo: Brasiliense, 1994. GUEVARA, A. J. de H.; HÖEFFEL, J. L.; VIANA, R.M.;

D'AMBRÓSIO, U. **Conhecimento,**

cidadania e meio ambiente. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 2.

HALMENSCHLAGER, V. L. da S. **Etnomatemática: uma experiência educacional.** São Paulo: Summus, 2001. HOGBEN, L. **Maravilhas da**

matemática: influência e função da matemática nos

conhecimentos humanos. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1970.

KLEIN, L. R. **Uma leitura de Piaget sob a perspectiva histórica.** 1996.

Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. KLEIN, L. R.

Alfabetização: quem tem medo de ensinar? São Paulo: Cortez, 1997.

KLINE, M. **O fracasso da matemática moderna.** São Paulo: Ibrasa, 1976.

KRULIK, S.; REYS, R. E. (org.) **A resolução de problemas na**

matemática escolar.

São Paulo: Atual, 1997. LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2000.

LIMA, E. L. et al. **A matemática do ensino médio .** Rio de Janeiro:

Sociedade

Brasileira de Matemática, 1998. LINS, R. C. I.; GIMENEZ, J. **Perspectiva em aritmética e álgebra para o século**

XXI. Campinas: Papyrus/SBEM, 1997.

LOPES, E. M. T.(org.) **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte:

Autêntica, 2000. LORENZATO, S.; FIORENTINI, D. **Iniciação à**

investigação em educação

matemática. Campinas: CEMPEM/COPEMA, 1999. LUNGARZO, C. **O que é matemática?** São Paulo: Brasiliense, 1989. LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1993 . v.1.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACHADO, N. J. **Epistemologia e didática**: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. São Paulo: Cortez, 1999.

MACHADO, N. J. **Matemática e realidade**. São Paulo: Cortez, 1987.

MACHADO, S. D. A. et al. **Educação matemática**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1999.

MARX, K. Cartas: Marx a P. V. Annenkov. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Ômega, s. d. v. 3.

MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã (Feuerbach)**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MICOTTI, M. C. de O. **O ensino e as propostas pedagógicas. Pesquisa em educação matemática**: concepções & perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999.

MIGUEL, A. **Três estudos sobre história e educação matemática**. Campinas, 1993. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.

MIORIN, M. A. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática**. Campinas: Papyrus, 1997.

OTTE, M. **O formal, o social e o subjetivo**: uma introdução à filosofia e à didática da matemática. São Paulo: UNESP, 1999.

PAIS, L. C. **Didática da matemática**: uma análise da influência francesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREIRA, C. P. da. **A matemática no Brasil**: uma história do seu desenvolvimento. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

PEREIRA, O. **O que é teoria**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática, 1997.

PIRES, C. M. C. **Currículos de matemática**: da organização linear à idéia de rede. São Paulo: FTD, 2000.

POLYA, G. **A arte de resolver problemas**. Rio de Janeiro: Interciência, 1995.

POZO, J. I. (org.) **A solução de problemas**: aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1983.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SCHAFF, A. **A sociedade informática**. São Paulo: UNESP /Brasiliense, 1990.

SCHEFFER, N. F. Modelagem matemática: uma abordagem para o ensino-aprendizagem da matemática. **Educação Matemática em Revista**. Porto Alegre, v. 1. p. 11-15, jun. 1999.

SCHLIEMANN, A.; CARRAHER, D. **A compreensão de conceitos aritméticos: ensino e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1998.

SILVA, C .P. da. **A matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento**. 2. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papyrus, 2001.

TAHAN, M. **Didática da matemática**. São Paulo: Saraiva, 1962. v. 2.

VALENTE, W. R. **Uma história da matemática no Brasil**. São Paulo: Annablume-FAPESP, 1999.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança: por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 1998.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELOS, M. L. M. C. **Disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Mackenzie, 2001.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. VERGANI, T. **Educação etnomatemática: o que é?** Lisboa: Pandora, 2000. VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos**

psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998. VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WACHOWICZ, L. A. **O método dialético na didática**. Campinas: Papyrus, 1995.

7.12. METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

EMENTA: História e memória social. As finalidades do ensino de História na sociedade brasileira contemporânea. A transposição didática da história e a construção da compreensão e explicação histórica. Relação entre a construção da noção de tempo e espaço e leitura do mundo pela criança. O

trabalho com as fontes históricas . Objetivos e conteúdos programáticos de história dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Planejamento, seleção e avaliação em história. Análise crítica do material didático.

Indicações Bibliográficas

BURKE, P. **A escola dos annales 1929-1989**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMARGO, D. M. P. de.; ZAMBONI, Ernesta. A Criança, novos tempos, novos espaços: a história e a geografia na escola. **Em Aberto**, Brasília, v.7, n. 37, p. 25-30, jan./mar. 1988.

CARDOSO, C. F. S. **Uma introdução à história**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CITRON, S. **Ensinar a história hoje**: a memória perdida e encontrada. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

HOSBAWN, E. A história de baixo para cima. In: HOSBAWN, E. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOSBAWN, E. **A outra história -algumas reflexões**. In: KRANTZ, F. **A outra história**: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 18-33.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, J. **História e memória**. São Paulo: Unicamp, 1992.

McLAREN, P. **A vida nas escolas**: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NADAI, E. A escola pública contemporânea: os currículos oficiais de história e o ensino temático. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.6, n.11, p.99-116, set.1985/fev.1986.

NILDECOFF, M. T. **A Escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PENTEADO, H. D. **Metodologia de ensino de história e geografia**. São Paulo: Cortez, 1991.

SCHMIDT, M. A. O uso escolar do documento histórico. **Caderno de História**: Ensino e Metodologia, Curitiba, n. 2. 1997.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

7.13. METODOLOGIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

EMENTA: Concepções de Geografia -a Geografia como Ciência. Compreensão do espaço produzido pela sociedade (espaço relacional). Aspectos teóricos -metodológicos de ensino da geografia. Objetivos e finalidades do Ensino da Geografia na Proposta Curricular do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atendendo as especificidades do Estado do Paraná (quilombolas, indígenas, campo e ilhas). Relação entre conteúdos, método e avaliação. Os conteúdos

básicos de Geografia na Educação Infantil e Anos Iniciais. Diferentes tendências da Geografia. Bibliografia e concepção de Geografia como ciência. Análise crítica e elaboração de recursos didáticos para Educação Infantil e Anos Iniciais. Análise crítica dos livros didáticos dos Anos Iniciais.

Indicações Bibliográficas

- ALMEIDA, R.; PASSINI, E. **O espaço geográfico, ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1991.
- ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa**. São Paulo: Contexto, 2003. ARCHELA, R. S.; GOMES, M. F. V. B. **Geografia para o ensino médio: manual de aulas práticas**. Londrina: UEL, 1999.
- ANDRADE, M. C. de. **Uma geografia para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 1994.
- ANDRADE, M. C. de. **Geografia ciência da sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.
- CARLOS, A. F. A. (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CARLOS, A. F. A. (org.) **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARVALHO, M. I. **Fim de século : a escola e a geografia**. Ijuí : Unijuí, 1998. CASTRO, I. et al (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, L S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1998. CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1999.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de geografia práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papyrus, 1995. EDWARDS, V. **Os sujeitos no universo da escola**. São Paulo : Ática, 1997. FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUREZ, G. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências.

São Paulo: Unesp, 1995. FRIGOTTO, G. Trabalho: educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 14, p. 17-28, jan./jun. 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000. GIANANTI, R.; OLIVA, J. **Temas da geografia do Brasil**. São Paulo: Atual, 1999. GUIMARÃES, R. et al. **Geografia**: pesquisa e ação. São Paulo: Moderna, 2000. GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1999.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. GOODSON, Y. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

KOZEL, S.; FILIZOLA, R. **Didática da geografia**: memórias da terra -o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996. LACOSTE, Y. **A geografia**: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra.

Campinas: Papyrus, 1988. MORAES, A. C. R. **Geografia** : pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORAES, A. C. R. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 1991.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. (org.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, R. **O círculo e a espiral (a crise paradigmática do mundo moderno)**. Rio de Janeiro: Coautor, 1993.

NIDELCOFF, M. T. **A escola e a compreensão da realidade**: ensaios sobre a metodologia das ciências sociais. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino da geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.

OLIVEIRA, A. U. (org.). **Reformas no mundo da educação**: parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático**. Belo Horizonte: Lê, 1994. PEREIRA, R. M. A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. Florianópolis: UFSC, 1993. QUAINI, M. **A construção da geografia humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. RUA, J.; WASZKIAVICUS, F.A; TANNURI, M. R. P.; PÓVOA NETO, H. **Para ensinar geografia** : contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus. Rio de Janeiro: Access, 1993. SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000. SANTOS, M. **A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996. SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo: o meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996. SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1986. SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. SANTOS, M. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. SANTOS, M. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Nobel, 1986. SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986. SILVA, A. C. da. **De quem é o pedaço? espaço e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1986. SILVA, A. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988. VESENTINI, J. W. **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Ática, 1992. STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. SOUZA, J. G. de; KATUTA, Â. M. **Geografia conhecimentos cartográficos**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de (org.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. VLACH, V. **Geografia em construção**. Belo Horizonte: Lê, 1991.

7.14. METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS

EMENTA: O Ensino de Ciências e a construção de uma cultura científica que possibilite ao cidadão comparar as diferentes explicações sobre o mundo. A energia para a vida e a inserção do homem no contexto do universo. Aprendizagem integrada de ciências como possibilidade para a compreensão das relações ciências, sociedade, tecnologia e cidadania. A construção dos conceitos científicos. O pensamento racional e o pensamento intuitivo na aprendizagem de ciências. O papel dos professores, das famílias e das comunidades na aprendizagem formal e informal de ciências.

Indicações Bibliográficas

ASTOLFI, J. P. **A Didática das ciências**. Campinas: Papyrus, 1990.

DELIZOICOV, D. **Metodologia do ensino de ciências**. São Paulo: Cortez, 1990.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.

HARLAN, J. D.; RIVKIN, M. S. **Ciências na educação infantil: uma abordagem integrada**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRINDADE, D. F.; TRINDADE, L. dos S. P. **Educação e ciências**. São Paulo: Madras, 2004.

7.15 METODOLOGIA DO ENSINO DA ARTE

EMENTA: O papel da arte na formação humana, como conhecimento, como trabalho, como expressão. Estudos das diferentes concepções de arte. Conhecimento, trabalho e expressão, sua relação com o ensino. Estudo das tendências pedagógicas - Escola Tradicional, Nova e Tecnicista - com ênfase nos marcos históricos e culturais do ensino da arte no Brasil. Conhecimento teórico e prático dos elementos formais e de composição das artes visuais, da música, da dança e do teatro e sua contribuição na formação dos sentidos humanos desde a Educação Infantil e Anos Iniciais. Abordagens metodológicas para o ensino de artes. A atividade artística na escola: fazer e apreciar a produção artística. As atividades artísticas como instrumental para a Educação Infantil e Anos Iniciais.

Indicações Bibliográficas - Artes Visuais

ALMEIDA, A. B. de. **A educação estético-visual no ensino escolar**. [s.l.]: Livros Horizonte, 1980.

APARICI, R.; GARCÍA MATILLA, A. **Lectura de imágenes**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

- ARNHEIN, R. **Arte e percepção visual**. São Paulo: Pioneira / USP, 1986.
- ARRUDA, J. **Projeto educação para o séc. XXI**. S. Paulo: Moderna, 2002.
- BARBOSA, A. M. T. **Arte - educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BARBOSA, A. M. T. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Lisboa: Edições 70, 1972.
- BLIKISTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília nº 248, p.2783-27841, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais (1ª a 4ª Série): Arte**. Brasília, 1997. v. 6
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- CORDI, C. et al. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 1999.
- COSTA, C. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. 2. ed. reform. São Paulo: Moderna, 2004.
- COSTELLA, A. F. **Para apreciar a arte: roteiro didático**. São Paulo: SENAC/Mantiqueira, 1997.
- CUMMING, R. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1996.
- CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira**. Curitiba, 1998.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DONDIS, D. A. **La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual**. Barcelona: Gustavo Gili, 1976.
- FEITOSA, C. **Explicando a filosofia com a arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- FUSARI, M. F. D. R.; FERRAZ, M. H. C. D. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FUSARI, M. F. D. R. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GARCEZ, L. **Explicando a arte brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KUENZER, A. Z. **Ensino de 2.º grau**: o trabalho como princípio educativo. São Paulo: Cortez, 1985.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio e profissional**: as políticas do estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997.

MICLETHWAIT, L. **Para a criança brincar com arte**: o prazer de explorar belas pinturas. São Paulo: Ática, 1997.

OSTROWER, F. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

OLIVEIRA, J. **Explicando a arte**: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PARSONS, M. J. **Compreender a arte**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

PORCHER, L. (org.). **Educação artística**: luxo ou necessidade? São Paulo: Summus, 1982.

SCHLICHTA, C. A. B. D.; TAVARES, I. M.; TROJAN, R. M. **Educação artística**. Curitiba: Módulo, 1996.

SCHLICHTA, C. A. B. D. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de artes**. Curitiba: UFPR/ NEAD, 2002.

STRICKLAND, C. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

TAILOR, J. C. **Aprender a mirar**: una introducion a las artes visuales. Buenos Aires: Ediciones La Isla, 1985.

VIGOSTKI, L. S. **La imaginación y el arte em la infancia**. México: Ediciones Hispanicas, 1987.

WOODFORD, S. **A arte de ver a arte**: introdução à história da arte da universidade de Cambridge. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Indicações Bibliográficas - Música

ALFAYA, M.; PAREJO, E. **Musicalizar**: uma proposta para vivência dos elementos musicais. São Paulo: Musimed, 1987.

BENNET, R. **Uma breve história da música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: 1ª a 4ª Série: Arte**. Brasília, 1997. v. 6

CANDE, R. de. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. v.1 e 2

CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira**. Curitiba, 1988.

FUCKS, R. **O discurso do silêncio**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

GAINZA, V. H. **La iniciación de los niños**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1964.

GAINZA, V. H. **Fundamentos, materiales y técnicas de la educación Musical**. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1977.

HOWARD, W. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1990.

JELEN, L. **O mundo maravilhoso da música**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

KATER, C.; LOBÃO, P. **Musicalização através da canção popular brasileira: propostas de atividades criativas para o uso na escola**. São Paulo: Atravez, 2001. v. 1.

MENUHINE, Y.; CURTIS, W. **A música do homem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, Lisboa: Dinalivro, 1997.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990.

PINHAISS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular**. Pinhais, 2000.

POGUE, D.; SPECK, S. **Música clássica**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PORCHER, L. (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1977.

SADIE, S. **Dicionário Grove de música**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SÃO JOSÉ DOS PINHAISS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos Pinhais, 1995.

SOLTI, G. **O mundo maravilhoso da música**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

SCHLICHTA, C. A. B. D.; TAVARES, I. M.; TROJAN, R. M. **Educação artística**. Curitiba: Módulo, 1996.

SCHLICHTA, C. A. B. D. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de artes. Curso de Pedagogia.** Curitiba: UFPR/ NEAD, 2002.

SHAFER, M. **O ouvido pensante.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991. SNYDERS, G. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. YEHUDI, M.; DAVIS, C. W. **A música do homem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Indicações Bibliográficas - Teatro

AMARAL, A. M. **Teatro de formas animadas.** São Paulo: USP, 1993.

AMARAL, A. M. **O ator e seus duplos, máscaras, bonecos, objetos.** São Paulo: Senac, 2002. BERTHOL, M. **História mundial do teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2000. BIASOLI, C. L. A. **A formação do professor de arte: do ensaio à encenação.**

Campinas: Papyrus, 1999.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro.** 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. BORBA, E.; SAVASSE, N. **A arte secreta do ator: dicionário de antropologia teatral.**

São Paulo: Unicamp, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: (1ª a 4ª série); Arte.** Brasília, 1997. v. 6. BRANDÃO, J. **Teatro grego: origem e evolução.** São Paulo: Ars Poética, 1992. CAMARGO, R. G. **A sonoplastia no teatro.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional de

Artes Cênicas, 1986. CARVALHO, Ê. J. C. **História e formação do ator.** São Paulo: Ática, 1989. CARVALHO, E. J. **O que é ator.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. COURTNEY, R. **Jogo, teatro & pensamento.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980. CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança.** Porto Alegre: Mediação, 1999.

CURITIBA. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo básico: uma contribuição para a escola pública brasileira.** Curitiba, 1988. GASSNER, J. **Mestres do teatro.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva/ USP, 1974. v. 1.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino de teatro**. São Paulo: Papyrus, 2001.

KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. MACHADO, M. C. **A aventura do teatro**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. MACHADO, M. **Teatro IV**. 6. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998. MACHADO, N. J. **Ensaio transversais: cidadania e educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. MAGALDI, S. **Iniciação do teatro**. São Paulo: Buriti, 1965. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo básico para a escola pública do Paraná**. Curitiba, 1990. PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta curricular**. Pinhais, 2000. PORCHER, L. (org.). **Educação artística: luxo ou necessidade?** São Paulo: Summus, 1977. REVERBEL, O. **Um caminho do teatro na escola**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1997. ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. SANTOS, V. L. B. dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação**. Porto Alegre: Mediação, 2002. SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos Pinhais, 1995. SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Indicações Bibliográficas - Dança

BOUCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo: Blume, 1981. BRIKMAN, L. **Linguagem do movimento corporal**. São Paulo: Summus, 1989. CAMINADA, E. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro: Sprit, 1999. CORTÊS, G. P. **Dança Brasil: festas populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000. CUNHA, S. R. V. da. (org.). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999. FERREIRA, S. (org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papyrus, 2001.

FUX, M. **Dança, experiência de vida**. São Paulo: Summus, 1983. GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979. GELB, M. **O aprendizado do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. HASELBACH, B. **Dança, improvisação e movimento: expressão corporal na educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989. LABAN, R. V. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978. LAIRD, W. **As danças de salão**. Porto: Civilização, 1994. MENDES, M. G. **A dança**. São Paulo: Ática, 1985. OSSOMA, P. A. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988. SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal de São José dos Pinhais**. São José dos Pinhais, 1995.

7.16. METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

EMENTA: O movimento humano e sua relação com o desenvolvimento dos domínios motor, cognitivo e afetivo - social do ser humano. Desenvolvimento motor e aprendizagem motora. A Educação Física como componente curricular. A cultura corporal de movimentos: ação e reflexão. A criança e a cultura corporal de movimentos: o resgate do lúdico e a expressão da criatividade.

Indicações Bibliográficas

ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1987.

BORGES, C. J. **Educação física para a pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 1987. COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, V. L. M. **Prática da educação física no primeiro grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** São Paulo: IBRASA, 1987. DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

DIEM, L. **Brincadeiras e esportes no jardim de infância**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003. GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2001.

GUERRA, M. **Recreação e lazer**. Porto Alegre: Sagra, 1982. GUISELINI, M. A.

Educação física na pré-escola. Brasília: SEED/MEC, 1982. MAGILL, R. A.

Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard

Blücher, 1984.

MEDINA, J. P. S. **Educação física cuida do corpo e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. Campinas: Papirus, 1989.

TANI, G.; MANOEL, E. de J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. de. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: USP, 1988.

7.17. PRÁTICA DE FORMAÇÃO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO)

EMENTA: Sentidos e significados do trabalho docente. Pluralidade cultural, as diversidades, as desigualdades e a educação. Condicionantes da infância e da família no Brasil e a organização da educação. A ação docente, as práticas pedagógicas e a formulação da didática na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa.

Indicações Bibliográficas

ALMEIDA, J. S. de. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 93, 1995.

CANDAU, V. M. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1995.

CUNHA, L. A. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DAVIS, C.; ESPÓSITO, Y. L. Papel e função do erro na avaliação escolar. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 74, p. 71-75, 1990.

ENQUITA, M. F. A ambigüidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarianização. **Revista Teoria e Educação**, Porto Alegre. n. 4, p.41-60, 1991.

FAZENDA, I. **Um desafio para a didática: experiências, vivências, pesquisas**. São Paulo: Loyla, 1991.

FREITAS, H. C. L de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios**. Campinas: Papirus, 1996.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. 7.

ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIGOTTO, G. **Educação e crise no trabalho**: perspectivas de final de século.
Petrópolis: Vozes, 1998.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas expectativas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

HOFFMAN, J. Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. **Educação e Realidade**, 1993.

FREITAS, H. B. I. **Formação de professores: um desafio**. Goiânia: UCG, 1996.

KUENZER, A. Z. A escola desnuda: reflexões sobre a possibilidade de construir o ensino médio para os que vivem do trabalho. In: ZIBAS, D. M. L.; AGUIAR, M. A. de S.; BUENO, M. S. S. (org.). **O ensino médio e a reforma da educação básica**. Brasília: Plano Editora, 2002.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação educacional: para além do autoritarismo**. São Paulo: Cortez, 1986.

LUDKE M.; MEDIANO, Z. (coord.). **A avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. Campinas: Papirus, 1992.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEDIANO, Z. **Avaliação da aprendizagem na escola de 1º grau. Educação e seleção**. Campinas: Papirus, 2002.

PICONEZ, S. C. B. (org.). **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papirus, 1994.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, S. M. Z. L. Avaliação da aprendizagem: teoria, legislação e prática no cotidiano da escola de 1º grau. In: CANHOLATO, M. C. (org.) **A construção do projeto de ensino e a avaliação**. São Paulo: FTE, 1990.

VASCONCELOS, C. dos J. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 1995.

8. AVALIAÇÃO ESCOLAR

Pensar a avaliação na proposta do Curso de Formação de Docentes – Normal, em nível médio, cuja organização curricular toma como princípios o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia, é um desafio. Ao mesmo tempo apresenta-se como uma possibilidade de mudança dos processos avaliativos norteados por teorias pedagógicas não críticas. É um desafio porque exige fundamentalmente a compreensão teórica dos princípios curriculares que embasam a proposta do curso, e, sobretudo, outra prática pedagógica. Prática aqui entendida não como ação cotidiana, mecânica e repetitiva, porém como práxis.

Por outro lado, ter o trabalho como princípio educativo e como princípio pedagógico na Proposta de Organização Curricular do Curso de Formação de Docentes – Normal, em nível médio, significa assumir que o trabalho, tanto na sua forma ontológica, quanto histórica, é produção humana e elemento de mediação da relação homem-homem e homem-natureza. Além disso, é o princípio do trabalho e da tecnologia, entendida como construção histórico-social, integrados ao da ciência e da cultura, que nesta proposta contextualiza as ações metodológicas que perpassam a prática do professor, em relação ao desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem e, portanto, do processo de avaliação da aprendizagem dos alunos.

Nesta perspectiva, é importante assinalar que a avaliação da aprendizagem se reveste de outro sentido, quando integrada aos pressupostos da proposta pedagógica que considera o aluno como sujeito histórico, capaz de estabelecer relações entre o conhecimento apreendido e o mundo do trabalho, a qual se distancia de uma avaliação concebida numa matriz teórica tradicional e positivista.

A partir deste conjunto de idéias, o pano de fundo para rearticularmos as ações de caráter teórico-metodológicos válidas para a avaliação escolar é o de nos questionarmos: Que avaliação pratica a escola? Que concepções norteiam esta prática? Que avaliação deve nortear as ações da escola numa perspectiva histórico-social e dialética?

Para tanto, há que se situar inicialmente a sociedade na qual está inserida a escola, para que possamos compreender e contextualizar melhor as suas práticas avaliativas e, assim, estabelecer relações com estas mesmas práticas. É fato que vivemos numa sociedade capitalista e, por assim ser, a escola não é alheia a ela, haja vista que as suas práticas pedagógicas e o processo de avaliação da aprendizagem se expressam pelas determinações de adaptação à estrutura organizativa desta sociedade, considerando que “capitalista é aquela sociedade cujo objetivo fundamental é produzir para acumular, concentrar e centralizar capital. Não são, portanto, as necessidades humanas, individuais ou coletivas, a prioridade e nem as pessoas” (FRIGOTTO, 1996).

Portanto, as ações que se revestem deste caráter se explicitam quando

o professor considera o aluno como "indivíduo" que pode e deve, com o seu próprio esforço, buscar as suas alternativas de aprendizagem, de vida, de empregabilidade, visando sempre o mercado de trabalho.

No âmbito desta compreensão, as ações pedagógicas orientadas por esta concepção de mundo e de homem, e a prática da avaliação escolar se configuram uma dimensão marcadamente autoritária, de controle, tal como exige esta sociedade. A avaliação vista neste enfoque passa a ser um instrumento disciplinador, classificatório e de ensino e avaliação escolar já aqui assinalada anteriormente, ou seja, aquele discriminatório.

No entanto, se nos remetermos à perspectiva que considera o aluno não como um indivíduo, mas como “sujeito histórico”, capaz de estabelecer relações entre os modos como o homem produz a sua existência e o mundo do trabalho através do conhecimento, certamente a prática do professor será outra diversa e distante de ser utilizada como instrumento disciplinador, classificatório, discriminatório e excludente.

Assumir esta postura diferenciada confere outro sentido ao processo de avaliação escolar, com seus profissionais assumindo um posicionamento pedagógico diferente, o qual orienta as suas ações a partir de uma perspectiva crítica de educação, e assim desvelando para o aluno a sua condição de sujeito histórico, capaz de atuar a favor da transformação da sociedade capitalista, podendo-se afirmar que “a escola que persegue uma pedagogia com base nesses princípios não é somente uma escola ativa, é também viva e criadora. A escola viva e criadora não pretende desenvolver competências como mecanismos de adaptação à realidade dada...” (RAMOS, 2004).

Neste sentido, a escola deve ser propositiva, em relação à concepção assumida em seu Projeto Político Pedagógico, incentivando nos alunos a capacidade de pensar criticamente a realidade e, a partir dela, construir explicações possíveis, estabelecer relações que lhes dê a condição de atuar política e produtivamente de modo a transformar a realidade.

Pode-se concluir reafirmando que caminhar nesta perspectiva significa abandonar ações e práticas avaliativas revestidas de caráter autoritário e discriminatório ainda presentes no cotidiano da escola, para assumir uma avaliação formativa, inclusiva, isto é, que não legitime o autoritarismo e, integrada às práticas pedagógicas, priorize a especificidade dos processos formativos dos alunos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DA PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

AGUIAR, M. A. Institutos superiores de educação na nova LDB. In: BRZEZINSKI, I. (org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 159-172.

ALVES, N. (org.) **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1996.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CEB nº 2, de 19 de Abril de 1999**. Institui diretrizes Curriculares para a Formação de Docentes da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em nível médio, na modalidade Normal.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer n.º 970/99/Curso normal superior e da habilitação para magistério em educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental nos cursos de pedagogia**, aprovado em 09/11/1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1: Dispõe sobre os institutos superiores de educação**. 30/09/1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 2: dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes, 26 de junho de 1997. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 jul., 1997.

BRZEZINSKI, I. A formação e a carreira de profissionais da educação na LDB 9.394/96: possibilidades e perplexidades. In: BRZEZINSKI, I. (org.). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 141-158

CODO, W. (coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes; Brasília: Confederação dos Trabalhadores em Educação Universidade de Brasília, 1999.

FERNANDES, F. **A transição prolongada**. São Paulo: Cortez, 1990.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1984.

FRIGOTTO, G. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILLI, P.; SILVA, T. da. **Neoliberalismo, qualidade total e educação. Visões Críticas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRIGOTTO, G. A formação e a profissionalização do educador: novos desafios. In: GENTILI, P.; SILVA, T. T. da. **Escola S.A: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo**. Brasília: CNTE, 1996.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica

da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. KUENZER, A. Z. **Pedagogia da fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 1986.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986. LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítica-social dos conteúdos. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, n. 4, 1978. LUKÁCS, G. **Historia y consciencia de clase**. Madrid: Edições Grijalbo, 1975. LURIA, A. R. **Curso de pedagogia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

v. 4. MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1996. MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Grijalbo, 1977.

MARX, K. **Manuscritos econômicos – 1844**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do partido comunista – 1848**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

NOGUEIRA, M. A. **Educação, saber, produção em Marx e Engels**. São Paulo: Cortez, 1990. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta para o estágio supervisionado**. Curitiba, 1989.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994. PIMENTA, S. G. (org.). **Didática e formação de professores**: percursos e

perspectivas no Brasil e em Portugal. São Paulo: Cortez, 1997. RAMOS, M. O projeto unitário de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (org.) **Ensino médio integrado**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1980.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 1992.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In FERRETI, C. J. (org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAVIANI, D. Os saberes implicados na formação do educador. In: SILVA JÚNIOR, C. A.; BICUDO M. A. V. **Formação do educador**: dever do Estado, tarefa da universidade. São Paulo: UNESP, 1996.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica e a prática escolar. In: GASPARIN, J. L. **Didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

SAVIANI, D. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo: Cortez, 1987.

SAVIANI, D. **Sobre a concepção de politecnia**. Rio de Janeiro: Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989.

SILVA, I. L. F. **Reforma ou contra-reforma no sistema de ensino do estado do Paraná? Uma análise da meta da igualdade social nas políticas educacionais dos anos 90**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1998. Dissertação (Mestrado).

SILVA, I. L. F.; HIDALGO, A. .M. (org.). **Educação e estado**: as mudanças nos sistemas de ensino do Brasil e do Paraná na década de 90. Londrina: UEL, 2001.

SILVA, T. T. da (org.) **Trabalho, educação e prática social**: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Avenida Água Verde, 2140

Telefone: (0XX) 41 3340-1500

80240-900 CURITIBA - PARANÁ

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br